

TRISTESSA

JACK KEROUAC



Exilado dos livros

dLivros

{ Baixe Livros de forma Rápida e Gratuita }

Converted by [convertEPub](#)

Tristessa

JACK KEROUAC

- 1960 -

Tradução de Edmundo Barreiros

LP&M Editores

1ª. Edição: agosto de 2006

*"Cada livro de Kerouac é um único e telepático
diamante."*

Allen Ginsberg



JEAN-LOUIS LEBRIS DE KEROUAC nasceu em Lowell, Massachusetts, em 12 de março de 1922; era o mais novo de três filhos de uma família de origem franco-canadense. Começou a aprender inglês apenas aos seis anos de idade, estudou em escolas católicas e públicas locais e, como jogava futebol americano muito bem, ganhou uma bolsa para a Universidade de Columbia, na cidade de Nova York. Nesta cidade conheceu Neal Cassady, Allen Ginsberg e William S. Burroughs. Largou a faculdade no segundo ano, depois de brigar com o técnico de futebol, foi morar com uma ex-namorada, Edie Parker, e juntou-se à Marinha Mercante em 1942 – dando início às jornadas intermináveis que se estenderiam por boa parte de sua vida. Em 1943 alistou-se na Marinha, de onde foi dispensado por razões psiquiátricas. Entre uma e outra viagem, voltava para Nova York e escrevia o seu primeiro romance, *The*

town and the city, publicado em 1950, sob o nome de John Kerouac. Este primeiro trabalho era fortemente influenciado pelo estilo do escritor norte-americano Thomas Wolfe e foi bem recebido. Em abril de 1951, entorpecido por benzedrina e café, inspirado pelo jazz, escreveu em três semanas a primeira versão do que viria a ser *On the road*. Kerouac escrevia em prosa espontânea, como ele chamava: uma técnica parecida com a do fluxo de consciência. O manuscrito foi rejeitado por diversos editores. Em 1954, começou a interessar-se por budismo e, em 1957, *On the road* foi finalmente publicado, após inúmeras alterações exigidas pelos editores. O livro, de inspiração autobiográfica, descreve as viagens de Sal Paradise e Dean Moriarty pelos Estados Unidos e pelo México. *On the road* exemplificou para o mundo aquilo que ficou conhecido como “a geração beat” e fez com que Kerouac se transformasse em um dos mais controversos e famosos escritores de seu tempo – embora em vida tenha tido mais sucesso de público do que de crítica e embora rejeitasse o título de “pai dos beats”. Seguiu-se a publicação de *The Dharma Bums* (Os vagabundos iluminados) – um romance com franca inspiração budista –, *The Subterraneans* (Os subterrâneos), em 1958, *Maggie Cassidy*, em 1959, e *Tristessa*, em 1960. A partir daí, Kerouac tendeu à direita, politicamente: criticava os hippies e apoiou a guerra do Vietnã. Publicou ainda *Big sur* e *Doctor Sax*, em 1962, *Visions of*

Gerard, em 1963, e *Vanity of Duluo*, em 1968, entre outros. *Visions of Cody*, considerado por muitos o melhor e mais radical livro do autor, só foi publicado integralmente em 1972. Ele morreu em St. Petersburg, Flórida, em 1969, aos 47 anos, de cirrose hepática. Morava, então, com sua mãe e sua mulher, Stela. Escreveu ao todo vinte livros de prosa e dezoito de ensaios, cartas e poesia.

SUMÁRIO

Parte um - [Trêmulo e casto](#)

Parte dois - [Um ano mais tarde...](#)

PARTE UM

Trêmulo e casto

ESTOU EM UM TÁXI com Tristessa, bêbado, com uma garrafa de uísque Juarez Bourbon no malote de dinheiro da ferrovia que eles me acusaram de roubar da estrada de ferro em 1952 - aqui estou eu na Cidade do México, um sábado à noite chuvoso, mistérios, velhas ruas laterais de sonho e sem nomes passam vertiginosamente, a ruazinha onde eu caminhara por entre multidões de vagabundos índios enrolados em mantas trágicas, suficientes para fazer você chorar, e você achou ter visto facas reluzindo sob as dobras - sonhos lúgubres tão trágicos quanto aquele da Velha Noite da Estrada de Ferro, com meu pai sentado com suas coxas grandes no vagão de fumantes da noite, cochilando enquanto seguia pelos trilhos vastos, enevoados e tristes da vida - mas agora estou no alto daquele platô vegetal que é o México, a lua de Citlapol com quem eu esbarrara algumas noites antes no telhado sonolento a caminho do antigo banheiro de pedra com goteira - Tristessa está doidona, linda como sempre. Vai alegre para casa deitar na cama e curtir sua morfina.

Noite anterior tive uma discussão silenciosa na chuva sentado com ela nos balcões sombrios da meia-noite comendo pão com sopa e bebendo Delaware Punch. Saí dessa conversa com a visão de Tristessa em minha cama, em meus braços, a estranheza de seu rosto amoroso, asteca, garota índia com olhos de Billie Holliday misteriosos e semicerrados e com uma grande voz melancólica como as atrizes vienenses de rostos tristes como Luise Rainer que fizeram toda a Ucrânia chorar em 1910.

Curvas lindas em forma de pera moldam a pele de seu rosto, que tem pestanas compridas e tristes, e uma resignação de Virgem Maria, e uma compleição cor de café e textura de pêssego e olhos de um mistério impressionante com uma falta de expressão de profundidade rasteira, meio desdém meio um lamento de dor pesaroso. “Estou doente”, ela sempre diz para mim e Bull enroscada na almofada. Estou na Cidade do México em um táxi com os cabelos desgrenhados, e enlouquecido. Passo pelo Cine México em meio a engarrafamentos chuvosos bebendo da garrafa. Tristessa tenta se explicar em arengas longas que na noite anterior, quando a botei em um táxi, o motorista tentou agarrá-la e ela deu um soco nele, uma notícia que o motorista atual recebeu sem comentários. Vamos até a casa de Tristessa para sentar e ficarmos doidões. Tristessa já me avisou que a casa estará uma bagunça porque sua irmã está bêbada e doente e El Indio estará lá sentado majestosamente com uma agulha de morfina

espetada no braço moreno, os olhos vidrados olhando para você, ou esperando que a espetada da agulha traga a própria chama e falando “Hmmm, za... a agulha asteca em minha carne flamejante”. Muito parecido com o gato grande em Culiao que me apresentou O na vez em que eu vim ao México para ver outras visões. Minha garrafa de uísque tem uma tampa mexicana frouxa estranha. O tempo todo eu acho que ela vai se soltar e deixar toda a minha bolsa afogada em uísque com 43% de álcool.

Pelas ruas enlouquecidas de sábado à noite com chuva como Hong Kong, nosso táxi avança devagar por entre os caminhos do Mercado e saímos no bairro da rua das putas e saltamos atrás das barracas perfumadas de frutas e dos quiosques de tortillas, feijão e tacos com bancos fixos de madeira - o bairro pobre de Roma.

Pago os 3,33 do táxi com dez pesos e peço “seis” de troco, que recebo sem qualquer comentário e me pergunto se Tristessa acha que ostento e sou perdulário demais, o grande John Bêbado no México - Mas não tenho tempo para pensar, andamos apressados pelas calçadas escorregadias com reflexos de néon e da luz das velas dos ambulantes que vendiam castanhas sobre um pano sentados no chão - entramos rapidamente na viela fedorenta onde ficava a casa de cômodos de um andar - Quando entramos, passamos por torneiras gotejantes, baldes e meninos. Nós nos abaixamos para passar por baixo de roupa pendurada e chegamos à sua porta de ferro, que está destrancada naquele interior de adobe, e nós entramos na cozinha, a chuva ainda

pingando das chapas de metal e tábuas que serviam como telhado da cozinha – e permitiam que gotinhas caíssem ruidosamente na cozinha sobre o lixo da galinha no canto úmido – Onde agora, miraculosamente, vejo o gatinho rosa dando uma mijadinha sobre pilhas de restos de quiabo e comida de galinha. O quarto lá dentro está completamente imundo e bagunçado, como se tivesse sido saqueado por loucos, com jornais rasgados espalhados e galinhas comendo arroz e pedacinhos de sanduíches do chão – A irmã de Tristessa está na cama, doente, enrolada em uma colcha rosa – é tão trágico quanto a noite em que Eddy levou um tiro na chuvosa Russia Street –

TRISTESSA ESTA SENTADA na beira da cama arrumando as meias de náilon. Ela as puxa de dentro dos sapatos de um jeito esquisito, com o rosto grande e triste observando seus esforços, com os lábios franzidos. Observo a maneira como ela torce os pés para dentro convulsivamente quando olha para os sapatos.

Ela é uma garota bonita demais. Eu me pergunto o que todos os meus amigos iam dizer lá em Nova York e em San Francisco, e o que aconteceria em Nola quando você a visse atravessar a Canal Street sob o sol quente, ela de óculos escuros e um andar preguiçoso, tentando amarrar o quimono ao sobretudo fino como se o quimono devesse amarrar o casaco, dando puxões convulsivos e brincando na rua, dizendo “Olha ali o táxi

- eei, é eelee que - lá vai você - Eu traago de bolta yur moany." Moa-ny, dinheiro. Ela fala de um jeito parecido com minha velha tia franco-canadense lá em Lawrence. "Não quero su moa-ny, o que quero é yur loave." Loave, amor. "Es yur lawv." Lawv, a lei. - Acontece a mesma coisa com Tristessa, ela está o tempo todo tão doidona, e passando mal.

Ela se aplica dez gramas de morfina por mês - sai cambaleando pelas ruas da cidade tão bela que as pessoas continuam a se virar para olhar para ela - Seus olhos são radiantes e reluzem e seu rosto está úmido com o sereno e seu cabelo índio está negro, bem legal, é dividido em dois rabos-de-cavalo na parte de trás, enrolados em coques na nuca (o próprio penteado catedral das índias) - Seus sapatos, para os quais ela sempre está olhando, são novos em folha, não surrados, mas ela deixa que suas meias de náilon caiam o tempo todo, e as puxa insistentemente, e torce os pés convulsivamente - você visualiza uma garota bonita igual em Nova York, vestindo uma saia rodada florida a la New Look com um suéter de cashmere Dior e seios retos, e seus lábios e olhos fazem o mesmo e fazem o resto. Aqui ela está reduzida às roupas empobrecidas e sombrias de senhora índia - Você vê as senhoras índias no negro inescrutável dos umbrais, olhando como se fossem buracos nas paredes não as mulheres - suas roupas - e você olha outra vez e vê a mujer nobre e brava, a mãe, a mulher, a Virgem Maria do México. -

Tristessa tem um ícone enorme em um canto de seu quarto.

Ele fica de frente para o quarto, de costas para a parede da cozinha, no canto direito de quem olha para aquela cozinha lamentável com suas goteiras que chovem de forma indescritível dos galhos de árvore do telhado e dos compensados (o telhado explodido do abrigo) – Seu ícone representa a Santa Maria a olhar de dentro de seus chadores azuis, sua túnica e seus objetos de Damema, para os quais El Indio reza com devoção quando sai para descolar uma parada. El Indio diz ser um vendedor de suvenires – nunca o vi vendendo crucifixos em San Juan Letrán, nunca vi El Indio na rua, nem em Redondas, em lugar nenhum.

A Virgem Maria está com uma vela, um monte de velas econômicas que queimam a cera dentro de vidros e duram semanas, como rodas de oração tibetanas – a ajuda incansável de nosso Amida – eu sorrio ao ver esse ícone adorável –

Ele está rodeado de retratos dos mortos – Quando Tristessa quer dizer “mortos”, ela junta as mãos em uma atitude santificada, indicando sua crença asteca na santidade da morte, e da mesma maneira a santidade da essência – Então ela tem uma foto do Dave morto meu velho camarada de muitos anos que agora está morto, de pressão alta aos 55 anos – Seu rosto vagamente índio-grego salta da fotografia pálida indefinível. Não consigo vê-la em meio a toda aquela neve. Sem dúvida

ele está no Céu, as mãos juntas em posição de oração em um êxtase eterno de Nirvana. É por isso que Tristessa continua a juntar as mãos e rezar, dizendo, também: “Eu amo o Dave”, ela tinha amado seu antigo senhor – Era um velho apaixonado por uma garota. Ela estava viciada aos dezesseis. Ele a tirou das ruas e, ele também um viciado das ruas, redobrou seus esforços para conseguir, finalmente, entrar em contato com viciados de grana, e mostrou a ela como viver – uma vez por ano iam juntos de carona até Chalmas, na montanha, escalar parte dela de joelhos para chegar ao santuário com sua enorme pilha de muletas deixadas ali por romeiros curados de suas doenças, as milhares de esteiras abertas no sereno onde dormem à noite em cobertores e sobretudos – retomando, devotos, famintos, saudáveis, para acender novas velas para a Mãe e caindo outra vez nas ruas em busca de sua morfina – Só Deus sabe onde eles a conseguiam.

Eu me sento e admiro a mãe majestosa dos amantes.

NAO HÁ COMO descrever o horror daquela escuridão nos buracos do teto, o halo marrom da noite da cidade perdido em uma elevação vegetal verde acima das Rodas dos telhados Blakeanos de adobe – a Chuva agora embaça o verde sem fim da planície do vale a norte de Actopan. Garotas bonitas passam correndo por cima de sarjetas cheias de poças – Cães latem para carros que passam em bandos – A chuva fraca esvazia-se de

maneira lúgubre sobre a pedra úmida da cozinha, e a porta reluz (ferro) toda brilhante e molhada - O cachorro uiva de dor na cama. - O cão é a pequena mãe chihuahua de 30cm de comprimento, com belos pezinhos de dedos negros e unhas, um cachorro tão “refinado” e delicado que você não poderia tocá-lo sem que ele ganisse de dor - “C-aaa-in”. Tudo o que você podia fazer era estalar os dedos com delicadeza para ela e deixar que esfregasse o seu focinhozinho gelado e molhado (negro como o de um touro) contra suas unhas e seu polegar. Cachorrinho doce - Tristessa diz que ela está no cio e é por isso que chora - o galo grita debaixo da cama.

O galo está esse tempo todo escutando debaixo das molas, meditativo, virando-se para olhar para aquela escuridão silenciosa ao redor, o barulho dos humanos dourados acima “BEU-VEU-VAA?”, grita ele, uiva, interrompe meia dúzia de conversas simultâneas e vociferantes como papel rasgado acima - A galinha cacareja.

A galinha está lá fora, circulando por entre nossos pés, ciscando o chão com suavidade - Ela gosta das pessoas. Quer se aproximar de mim e se esfregar sem limites contra a perna da minha calça, mas eu não a encorajo, na verdade, ainda não a havia notado e parece aquele sonho do vasto pai insano do celeiro na floresta na uivante Nova Scotia com as marés prestes a engolir a cidade e toda a região de pinheiros ao redor no norte

sem fim - era Tristessa, Cruz na cama, El Indio, o galo, a pomba no alto da cornija (nunca fez um som além do eventual treinamento de bater as asas), o gato, a galinha e a porra da mulher cachorra vadia pretinha vira-lata chihuahua Espana que uiva.

A seringa de El Indio está totalmente cheia. Ele enfia a agulha com força e ela está cega e não penetra na pele e ele a enfia com mais força e consegue, mas em vez de estremecer aguarda boquiaberto e em êxtase e aplica tudo, deprimido, parado. - "Você precisa me fazer um favor, Mr. Gazookus", diz Old Bull Gaines interrompendo meu pensamento. "Vamos lá na Tristessa comigo - Estou com pouco", mas estou pronto para desaparecer da Cidade do México, com caminhadas pela chuva, chapinhando nas poças sem reclamar ou mesmo qualquer interesse, apenas tentando chegar em casa, na cama, morto.

É o maldito alucinado livro dos sonhos da droga do mundo, cheio de súplicas, mentiras e acordos escritos. E suborno, para as crianças comprarem doces, para as crianças comprarem doces. "A morfina é para a dor", sigo pensando, "e o resto é o resto, isso é o que é, eu, eu sou o que sou. Adoração a Tathagata, Sugata, Buda, perfeito na Sabedoria e na Compaixão, que alcançou, está alcançando e irá alcançar, todas essas palavras de mistério."

- O motivo pelo qual eu trago o uísque, para beber, para romper a cortina negra - Ao mesmo tempo um comediante na cidade de noite - incomodado por

melancolias e intervalos de calma, entediado, bebendo, reverente, entrando em colapso. “Onde eu vou fazer...” – Puxo a cadeira até o canto perto do pé da cama para poder sentar entre a gata e a Virgem Maria. A gata, a gata em espanhol, a pequena Tathagata da noite, de cor dourada e rosada, três semanas de idade, um focinho rosado maluco, um rosto maluco, olhos verdes, bigodes em fórceps e suíças douradas de leão – Passo meus dedos por seu crânio pequeno e ela levanta-se, ronrona e a máquina de ronronar passa um tempo ligada, e ela olha ao redor do quarto e vê satisfeita o que todos estamos fazendo. – “Ela está com pensamentos de ouro”, penso eu. – Tristessa gosta de ovos, ou não deixaria um galo macho neste ambiente feminino? Como eu posso saber como são feitos os ovos? A minha direita, as velas devocionais queimam diante da parede de barro.

É INFINITAMENTE PIOR do que o sonho de sono que tive na Cidade do México no qual passo por apartamentos brancos vazios e tristes, sozinho, ou um em que os degraus de mármore de um hotel me aterrorizam. É a noite chuvosa na Cidade do México e estou no meio do bairro do Mercado dos Ladrões do México e El Indio é um ladrão bem conhecido e mesmo Tristessa era uma batedora de carteiras mas eu não faço mais que passar de leve as costas da mão contra o volume de meu dinheiro dobrado guardado à maneira dos marinheiros no bolso da frente de ferroviário de

meus jeans – E no bolso da camisa guardo os cheques de viagem que são, de certa forma, impossíveis de roubar – Aquela, Ah, aquela rua lateral onde a gangue de mexicanos me para e vasculha minha bolsa de viagem. Eles pegam o que querem e me levam para tomar uma bebida – É melancolia de maneira imprevisível nesta terra, percebo todas as incontáveis manifestações os inventos da mente-pensante que erguem uma parede de horror diante de sua conscientização pura de que não há parede ou horror apenas A Luz Leitora Vazia Transcendental Beijável da verdadeira e perfeitamente vazia Eternidade Duradoura. – Sei que está tudo bem mas quero prova, e os Budas e as Virgens Marias estão ali para me lembrar da minha promessa solene de fé nesta terra agreste e estúpida onde nós vivemos em fúria nossas assim chamadas vidas em um mar de preocupações, carne para as Chicagos dos Túmulos – bem neste minuto meu próprio pai e meu próprio irmão jazem lado a lado na lama no Norte e eu devo ser mais inteligente que eles – ao ser esperto, estou morto. Olho para os outros que estão conversando, eles percebem que estive perdido em pensamentos na minha cadeira no canto, mas estão em busca de preocupações sem fim e irrefreáveis (todas 100% mentais) próprias – Estão falando em espanhol, eu entendo apenas trechos soltos dessa conversa viril – Tristessa diz “chinga” frase sim, frase não, um marinheiro de boca suja – ela diz isso com

desprezo e seus dentes rangem o que me deixa preocupado.

“Você conhece as mulheres tão bem quanto pensa?” –
O galo está tranquilo e de repente solta um grito.

TIRO MINHA GARRAFA de uísque da bolsa e o Canady Dry, abro os dois e me sirvo um drinque numa xícara também faço um para Cruz que acabou de pular da cama para vomitar no chão da cozinha e agora quer outra bebida, ela passou o dia inteiro no bar para mulheres em algum lugar perto do bairro das putas da Panamá Street e a sinistra Rayon Street com seu cachorro morto na sarjeta e mendigos na calçada sem chapéu que olham para você desamparados – Cruz é uma índia pequena sem queixo e com olhos brilhantes. Usa escarpins de salto alto sem meias e vestidos surrados, que turma de gente louca, nos Estados Unidos um tira iria olhar com muita atenção ao vê-las todos loucaços discutindo e cambaleando pela calçada, como aparições de pobreza – Cruz toma um drinque e vomita, também. Ninguém percebe, El Indio está com a seringa em uma mão e um papelote na outra e discute, o pescoço tenso, colérico, em todo o volume com Tristessa, que grita e cujos olhos brilhantes dançam para se livrar daquilo – A velha senhora Cruz geme por causa da confusão e se enterra de volta em sua cama, a única cama, embaixo do cobertor, o rosto oleoso e com uma bandagem, o cachorrinho preto se enroscando

contra ela, e a gata, e ela está lamentando algo, sua ressaca, e El Indio insiste em reclamar mais uma parte do suprimento de morfina de Tristessa - eu engulo minha bebida.

Na porta ao lado a mãe fez sua filhinha chorar. Podemos ouvi-la rezar, guinchos curtos com tristeza suficiente para despedaçar o coração de um pai e talvez fosse. - Passam caminhões, ônibus, barulhentos, rosnando, completamente latadas de gente a caminho de Tacuyaba e Rastro e Circunvalación e outras cidadezinhas de periferia - as ruas de poças imundas que terei de caminhar para chegar em casa às 2h da manhã, chapinhando despreocupado pelas poças das ruas, olhando ao longo das cercas solitárias para o reflexo desolador da chuva molhada que reluz sob a iluminação da rua - O abismo e o horror de meu caráter, os músculos tensos do pescoço de Virya que um homem necessita para apertar os dentes um contra o outro, para passar por estradas solitárias de chuva à noite sem esperança de uma cama quente - Minha cabeça se abate e se exaure de pensar nisso. Tristessa diz "Como está Jack?" Ela sempre pergunta: "Por que você está tão triste?? - 'Muy dolorosa'", como se quisesse dizer "Você está com muita dor", pois dor significa dolor - "Estou triste porque toda a vida es dolorosa", repito sempre, na esperança de ensinar a ela a Verdade Número Um das Quatro Grandes Verdades - Além disso, o que poderia ser mais verdadeiro? Com seus olhos púrpuros pesados ela pisca para mim a retaliação com um balançar da

cabeça, “hã-hã”, uma compreensão de sabedoria indígena do tom do que eu disse, e segue assentindo com a cabeça, deixando-me desconfiado da curva de seu nariz, que parece mau e conivente. Penso nela como uma Voluptuosa Houri Vendedora nas profundezas do inferno que Kshiti-garbha nunca sonhou em redimir. – Quando ela parece um Índio Joe malvado de Huckleberry Finn, tramando minha morte – El Indio, de pé, observando por entre a carne arroxeadada, quase negra, em torno dos olhos tristes, duros e afiados, e limpa o rosto, sombrio ouvindo-me dizer que Toda Vida é Triste.

Ele balança a cabeça, concorda, nenhum comentário a fazer para mim ou qualquer pessoa sobre isso.

Tristessa está inclinada sobre a colher onde fervem mais morfina em sua caldeira de fósforo.

Ela parece estranha e mais magra e você vê as curvas escassas de seu traseiro no vestido maluco que parece um quimono quando ela se ajoelha como se estivesse rezando sobre a cama preparando seu pico em cima da cadeira cheia de cinzas, alfinetes de cabelo, algodão, coisas para usar na cara como rímel e batons mexicanos estranhos e cremes e enfeites – entranhas, restos mortais de lixo que, se tivessem sido derrubadas, teriam acrescentado apenas uma pequena quantidade extra de confusão à bagunça do chão. – “Corri para encontrar esse Tarzan”, penso, lembrando da infância e de casa enquanto eles se lamentam no Quarto da Noite de Sábado do México, “mas as moitas e as rochas não eram

reais e a beleza das coisas deve estar no fato de terminarem”.

EU LAMENTO TANTO em cima da xícara com a bebida que eles percebem que vou ficar bêbado e então todos permitem e insistem que eu tome um pico de morfina, o que aceito sem medo porque sou um bêbado – Pior sensação do mundo, tomar morfina quando você está bêbado, o resultado dá um nó em sua testa como se fosse uma pedra e provoca muita dor lá enquanto disputam o domínio da área, nenhum deles ganha porque anularam um ao outro, o álcool e o alcaloide. Mas aceito, e assim que começo a sentir seu efeito que me alerta e aquece, olho para baixo e percebo que o frango, a galinha, quer fazer amizade comigo – Está por perto com o pescoço balançando, olhando para minha rótula, para minhas mãos pendentes, quer se aproximar mas não tem autoridade – Então estendo a mão para que ela a bique, para que ela saiba que não tenho medo porque na verdade confio que ela não vai me machucar – o que ela não faz – fica apenas olhando para minha mão com cautela, dúvida e, de repente, quase com doçura, e então eu tiro a mão com uma sensação de vitória. Ela cacareja contente, pega um pedaço de algo no chão e o joga fora, um pedaço de linha pendurado em seu bico, ela o joga fora, olha ao redor, anda pela cozinha dourada do Tempo em um grande resplendor de Nirvana de sábado à noite e todos os rios rugindo sob a chuva, o estrondo em minha alma quando penso na primeira

infância e você vê os adultos grandes na sala, a onda e o ranger de suas mãos sombrias, enquanto discutem sobre o tempo e a responsabilidade, em um Filme de Ouro dentro de minha própria mente sem substância nem mesmo gelatinosa – a esperança e o horror do vazio – grandes fantasmas gritando em minha cabeça com a fotografia estranha e engraçada do galo que agora se ergue e emite um som do fundo da garganta, dirigindo-se às cercas abertas do Missouri, explode em gritos de pólvora de vergonha matinal, reverendo para o homem – Ao amanhecer, em meio a oceanidades impenetráveis e áridas de melancolia profundamente submersa, ele emite sua canção matinal otimista e ainda assim o fazendeiro sabe que aquilo não vai terminar daquela maneira otimista. Então ele cacareja, cacarejos de galo, comenta sobre alguma coisa louca que podemos ter dito, e cacareja – pobre ser que pressente e percebe, a besta sabe que chegou sua hora nos galinheiros da Avenida Lenox cacareja exultante como nós – grita mais alto se é um homem, com barbelas e cristas especiais de galo Galinha, sua mulher, usa o chapéu ajustável que cai de um lado para outro de seu bico bonito. “Bom dia, Sra. Gazooks”, digo a ela, divertindo-me sozinho ao observar as galinhas como fazia quando moleque em New Hampshire em fazendas à noite esperando que a conversa terminasse e a lenha fosse levada para dentro. Trabalhava duro para meu pai na Terra Pura, era forte e verdadeiro, fui à cidade para ver Tathagata, nivelei o chão para seus pés, vi calombos por toda a parte e

nivelei o chão, ele passou e me viu e disse “Primeiro nivele sua mente, e então a terra estará nivelada, até o monte Sumeru” (o antigo nome do Everest em magadha antigo) (India).

TAMBÉM QUERO FAZER amizade com o galo, agora estou sentado diante da cama nas outras cadeiras depois que El Indio saiu com um bando de homens suspeitos com bigodes, um dos quais olhou fixamente para mim com curiosidade e um sorriso orgulhoso e satisfeito quando eu me levantei com a xícara na mão, agindo como se estivesse bêbado em frente das mulheres para a edificação dele e de seus amigos - Sozinho na casa com duas mulheres, sento-me educadamente diante delas e conversamos com franqueza e avidez sobre Deus. “Meus amigos está um doentes, eu dou a eles uma dose”, conta-me a bela Tristessa de Dolours com seus dedos longos, úmidos e expressivos dançando o bailado tilintante dos indiozinhos diante de meus olhos assombrados. “- E cuando meu amigo no me paga, eu naum me importo. Porque”, aponta para o alto com uma expressão sincera para meus olhos, dedo no ar, “Meu Senhor me paga - e ele me paga mais M-a-i-s” - ela se inclina rapidamente para dar mais ênfase, e eu gostaria de poder dizer a ela em espanhol a bênção inestimável e ilimitada que receberá de qualquer forma no Nirvana. Mas eu a amo, me apaixono por ela. Ela acaricia meu braço com o

dedo. Eu adoro. Tento me lembrar de meu lugar e minha posição na eternidade. Renunciei à luxúria com as mulheres renunciei à luxúria pela luxúria – renunciei à sexualidade e ao impulso inibidor – quero entrar na torrente sagrada de luz e ficar seguro em meu caminho para a outra margem, mas deixaria, de boa vontade, um beijo para Tristessa por escutar os apelos de meu coração. Ela sabe que eu a amo e admiro com todo o meu coração e que estou me segurando. “Você tem sua vida”: diz ela para Old Bull (e sobre ele em um minuto) “e eu tenho que cuidar da minha, e Jack tem a vida deeli”, apontando para mim, ela me devolve minha vida e não a exige para si mesma como fazem tantas mulheres que você ama. – Eu a amo mas quero partir. Ela diz: “Eu sei, um homem y uma mulher estaum condenados –” “quando querem estar condenados” – Ela balança a cabeça, confirma para si mesma alguma sombria crença asteca instintiva, sábia uma mulher sábia, que teria dignificado os rebanhos de Bhikshunis na própria época de Yasodhara e teria dado uma freira divina adicional. Com os olhos fechados e as mãos juntas, uma Madona. Me faz chorar perceber que Tristessa nunca teve um filho e provavelmente jamais terá por conta de seu problema com a morfina (uma doença que perdura enquanto houver necessidade, que, ao mesmo tempo, se alimenta da necessidade e a satisfaz, isso faz com que passe o dia inteiro a gemer de dor e a dor é real, como abcessos em seus ombros ou

uma nevralgia que desce pelo lado de sua cabeça e em 1952, pouco antes do Natal, ela quase morreu), a santificada Tristessa não vai renascer outra vez. Irá direto para seu Deus e Ele irá recompensar seu rebanho de multibilhões com eternidades e eternidades de tempo de Carma perdido. Ela compreende o Carma, e diz: “O que faço é ceifar”, diz em espanhol - “Homens e mulheres cometem errares - erros, falhas, pecados, faltas,” seres humanos semeiam com problemas sua própria terra, e tropeçam nas pedras de sua imaginação falsa e errada, e a vida é dura. Ela sabe, eu sei, você sabe. - “Mas - eu quero tomar uma dose - morfina - e no ficar mais com essa vontade.” Ela encurva os ombros com rosto de camponesa, compreendendo a si mesma de uma maneira que eu não consigo e quando olho para ela sob o tremeluzir da vela sobre as maçãs protuberantes de seu rosto e ela parece tão bonita quanto uma Ava Gardner Negra, uma Ava Marrom de rosto comprido e ossos compridos e olhos semicerrados de cílios compridos - Só que Tristessa não tem essa expressão de um sorriso sexual, tem a expressão de menosprezo indígena de rosto triste e abatido para o que você acha de sua beleza mais que perfeita. Não que seja uma beleza perfeita como a de Ava, ela tem falhas, erros, mas todos os homens e mulheres os têm e por isso todas as mulheres perdoam os homens e os homens perdoam as mulheres e eles seguem seus caminhos sagrados para a morte. Tristessa ama a morte, vai até o ícone, arruma as

flores e reza. – Ela se abaixa com um sanduíche nas mãos e reza, olhando de lado para o ícone, sentada na cama da maneira birmanesa (um joelho na frente do outro) (abatida) (sentada), ela faz uma longa oração a Maria para pedir bênçãos ou dar graças pela comida, eu espero em silêncio respeitoso, dou uma olhadela para El Indio que também é devoto, ao ponto de chorar com seus olhos vidrados e reverentes de viciado e às vezes gosto especialmente quando Tristessa tira as meias para entrar nos cobertores da cama dizendo um segredo de frases de amor veneráveis a meia-voz (“Tristessa, O Yé comme tu est Belle”) (o que, sem dúvida, é o que estou pensando mas tenho medo de olhar e ver Tristessa tirar suas meias de náilon com medo de conseguir ver suas coxas cor de café com leite e ficar louco) – Mas El Indio também está chapado demais com a solução venenosa de morfina para se importar e dar continuidade a sua reverência por Tristessa, ele está ocupado, às vezes ocupado passando mal, tem uma mulher, dois filhos (do outro lado da cidade), tem que trabalhar, tem que descolar as paradas para Tristessa quando ela não tem nada (como agora) – (motivo de sua presença na casa) Vejo a coisa pipocando e digressionando em todas as direções, a história daquela casa e daquela cozinha.

Nas paredes da cozinha há fotos pornográficas de garotas mexicanas, garotas de lingerie preta e coxas grossas e relevos reveladores dos seios e drapeado pélvico, que estudo com interesse, nos lugares certos,

mas as fotos estão todas amassadas e manchadas pela chuva e com as pontas enroladas e penduradas de qualquer jeito na parede, e você tem de ajustá-las e estica-las para poder estudá-las, e mesmo assim a chuva escorre pelas folhas de repolho e o papelão encharcado acima - Quem poderia ter tentado fazer um teto para a felaína? - “Meu Senhor, ele me recompensa mais” -

AGORA EL INDIO voltou e está de pé perto da cabeceira da cama enquanto estou ali sentado, e viro para olhar para o galo (“para domá-lo”) - Estendo a mão da mesma forma que fiz com a galinha e deixo que ele veja que não tenho medo que me bique, e vou acariciá-lo e livrá-lo de todo o medo de mim - O Galo olha para minha mão sem comentário, e olha para longe, e torna o olhar para mim, e encara minha mão (o campeão melancólico seminal que sonha um ovo diário para Tristessa que ela chupa até o fim depois de furá-lo, fresco) - olha ternamente para minha mão mas acima de tudo majestosamente enquanto a galinha não consegue fazer essa mesma avaliação majestosa, ele é corado e arrogante e pode uivar, é o Rei da Cerca em duelo ardente com o amanhecer podre. Ele cacareja ao ver minha mão, querendo dizer É, e se vira - e olho orgulhoso ao redor para ver se Tristessa e El Indio ouviram meu estupiante selvagem - Eles comemoram ao me ver com lábios ávidos, “Sim, estávamos conversando sobre os dez gramas de morfina que vamos descolar amanhã - É -” e eu me sinto orgulhoso por ter

conquistado o Galo, agora todos os bichinhos no quarto me conhecem e me amam e eu os amo apesar de talvez não os conhecer. Todos, exceto O Cantor no telhado, em cima do guarda-roupa, no canto, longe da beira, contra a parede bem embaixo do teto, a Pomba arrulha confortável sentada no ninho, sempre contemplando toda a cena, para sempre sem comentar. Ergo os olhos, meu Senhor bate asas com o arrulhar branco de pomba e olho para Tristessa para saber por que ela arranhou uma pomba e Tristessa levanta as mãos macias de um jeito indefeso e olha para mim com carinho e tristeza, para indicar, “É minha pomba” - “Minha pombinha bonitinha - O que posso fazer?” “Eu gosto tanto dela” - “É tão branquinha e bonitinha” - “Nunca faz barulho” - “Tem olhos taum bonitus, você olha e vê os olhos taum bonitus” e eu olho nos olhos da pomba e são apenas olhos de pomba, abertos, perfeitos, escuros, poços, misteriosos, quase orientais, é impossível aguentar a pureza tamanha que aqueles olhos emanam - E são tão parecidos com os olhos de Tristessa que eu gostaria de poder comentar e dizer a Tristessa “Tens os olhos da pomba” -

De vez em quando a Pomba se levanta e bate as asas como exercício, em vez de voar pelo ar triste ela espera em seu cantinho dourado do mundo, espera a pureza perfeita, a morte, a Pomba na sepultura é algo melancólico para ser celebrado - o corvo na sepultura não é uma luz branca que ilumina os Mundos e aponta para cima e aponta para baixo por entre os dez lados

soberbos da Eternidade - Pobre Pomba, pobres olhos - seu peito branco como neve, seu leite, sua torrente de piedade sobre mim, seu olhar mesmo gentil, os olhos dentro dos meus, das alturas otimistas de seu lugar no armário e nos arcabouços dos Céus Abertos do Mundo da Mente - anjo dourado e otimista de meus dias, e não posso tocá-la, não ousaria subir em uma cadeira e prendê-la no canto e sorrir com um ranger de dentes para ela, tentando impressioná-la em meu coração manchado de sangue - o sangue dela.

EL INDIO TROUXE sanduíches e a gatinha está louca por um pouco de carne e El Indio fica com raiva e a expulsa da cama com um tapa e eu estendo minhas duas mãos para ele "Non" "Não faça isso" e ele nem mesmo me escuta e Tristessa grita com ele - o grande Homem Fera irado com a carne da cozinha e batendo na filha que está na cadeira do outro lado do quarto até cair no chão, as lágrimas começam a escorrer quando ela percebe o que fez - Não gosto de El Indio porque ele bateu na gata. Mas ele não faz por maldade, é apenas uma reprimenda, uma maneira dura, justificada de lidar com a gata, chutá-la de seu caminho na sala quando vai atrás de seus charutos e da televisão O Velho pai Tempo é El Indio, com as crianças, a esposa, as noites na mesa de jantar estapeando os filhos e conduzindo sobre grandes jantares com muita carne sob a luz mortíca - "Buuurp! Braap!", ele solta diante das crianças que olham para ele com olhos reluzentes e cheios de

admiração. Agora é sábado à noite e ele está conversando com Tristessa e se esforçando para explicar a ela, de repente a velha Cruz (que não é velha, tem só quarenta) se levanta gritando “É, com nossa grana, si, com nuestro dinero” e repete duas vezes, soluça, e El Indio a avisa que eu posso entender (quando ergo os olhos com magnificência imperial de indiferença com um toque de respeito pela cena) e como se dissesse “Esta mulher chora porque vocês pegam todo o seu dinheiro” – o que é isso? Rússia? Mússia? Matamorapússia? Como se eu não me importasse de nenhum jeito que não pudesse. Tudo o que queria era ir embora. Tinha me esquecido completamente da pomba e só me lembrei dela dias mais tarde.

A MANEIRA SELVAGEM como Tristessa fica de pé, as pernas afastadas, no meio do quarto para explicar algo, como um viciado em uma esquina do Harlem, ou em qualquer outro lugar, Cairo, Bang Bombayo e todo o Bando de Felás dos Palmeirais da Extremidade das Bermudas às asas de albatroz pousadas que cobrem de penas as rochosas da costa do Ártico, só o veneno que servem das focas Gloogloo dos esquimós e as águias da Groenlândia, não é tão ruim quanto aquela morfina da Civilização Alemã à qual ela (uma índia) é forçada a se submeter e a morrer por ela em sua terra nativa.

ENQUANTO ISSO O GATO está abrigado confortavelmente perto do lugar do rosto de Cruz, onde ela está deitada ao pé da cama, enrascada, do jeito que dorme a noite inteira enquanto Tristessa se enrosca na cabeceira e elas entrelaçam os pés como irmãs ou como mãe e filha e fazem com que uma cama pequena seja confortável para as duas - O gatinho rosa tem tanta certeza (apesar de todas as suas pulgas que cruzam seu focinho ou passeiam por suas pestanas) - que está tudo bem - que está tudo certo no mundo (pelo menos agora) - quer ficar perto do rosto de Cruz, onde está tudo bem - Ele (na verdade uma Elazinha) ele não percebe as ataduras e o pesar e os horrores de bebedeira e ressaca pelos quais ela está passando, sabe apenas que ela é a senhora todo o dia suas pernas estão na cozinha e de vez em quando ela joga comida para ele e, além disso, ela brinca com ele na cama e finge que vai bater nele e o segura e briga com ele que faz uma carinha naquela cabecinha e pisca os olhos e abana as orelhas para trás para esperar o tapa mas ela está só brincando com ele - Então agora ele se senta em frente a Cruz e apesar de nós gesticularmos como maníacos quando falamos e às vezes uma mão pesada passar perto de suas orelhas, quase acertando-o ou El Indio poder de repente resolver jogar um jornal sobre a cama e acertar bem em cima da cabeça dele, mesmo assim ele fica sentado e curte a gente com olhos fechados e encolhido em um estilo Gato Buda, meditativo em meio a nossas atitudes alucinadas como a Pomba acima - Eu me pergunto: "Será que o

gatinho sabe que tem um pombo no guarda-roupa?" Queria que meus parentes de Lowell estivessem aqui para ver como vivem as pessoas e os animais no México

-

Mas o pobre do gatinho é uma massa de pulgas, mas ele não se importa, não fica se coçando como gatos americanos mas apenas resiste - Eu o pego do chão e ele é apenas um esqueletinho magrelo com grandes balões de pelo - Tudo é tão pobre no México, as pessoas são pobres, mas mesmo assim tudo o que eles fazem é feliz e despreocupado, não importa o que seja - Tristessa é uma viciada e lida com isso magra e despreocupada, enquanto uma americana seria melancólica - Mas ela tosse e reclama o dia inteiro, e pela mesma lei, de vez em quando, o gato começa a coçar-se furiosamente, o que não ajuda -

MEU CIGARRO SE apaga enquanto fumo e levo-o até o ícone para acendê-lo na chama da vela, que está dentro de um copo - Ouço Tristessa dizer algo que interpreto como "Droga, esse idiota está usando nosso altar como isqueiro" - para mim nada há de estranho ou incomum nisso, só quero fogo - mas percebendo a observação, ou mesmo ainda acreditando na observação mesmo sem saber o que foi, eu engulo em seco e me detenho e em vez disso arranjo fogo com El Indio, que depois me mostra como, com uma precezinha devota e um pedaço de jornal, arranja fogo de maneira indireta, com um toque e uma oração - Ao perceber o ritual, também

o faço para conseguir meu fogo alguns minutos mais tarde - Faço uma pequena oração francesa: "Excuse moá ma Dame" - com ênfase no Dame por causa de Damema, a Mãe dos Budas.

Assim sinto-me menos culpado em relação a meu cigarro e de súbito sei que todos vamos para o Céu direto de onde estamos, como espíritos dourados de Anjos com Auréolas de Ouro vamos pegando carona no Deus Ex Machina até as alturas do Apocalíptico, Eucalíptico, AristofanESCO e Divino - Eu suponho e me pergunto o que o gato pode achar - Digo para Cruz "Sua gata está tendo pensamentos dourados (su gata tienes pensas de or)" mas ela não entende por mil e um bilhão de razões complexas que nadam na multidão fervilhante de seus pensamentos leitosos enterrados em Buda no estresse de sua doença permanente - "What's pensas?" grita ela para os outros, ela não sabe que o gato está tendo pensamentos dourados - Mas o gato a ama tanto, e fica ali, bem perto de seu queixo, ronronando, satisfeito, olhos bem fechados e tampados, uma gatinha pequena igual a Pinky que perdi em Nova York atropelada na Atlantic Avenue pelos sombrios motoristas alucinados do Brooklyn e do Queens, os autômatos sentados ao volante que vão matando gatos automaticamente todo dia, uns cinco ou seis diariamente na mesma rua. "Mas este gato vai morrer a morte mexicana normal - de velhice ou doença - e será um veterano sábio dos becos da área, e você irá vê-la

(sujo como trapos) remexendo o lixo como se fosse um rato, então o gato fica ali perto do queixo dela como um pequeno sinal de suas boas intenções.”

EL INDIO VAI na rua e traz sanduíches de carne e agora a gata fica enlouquecida, mia e grita querendo um pouco e El Indio a joga para fora da cama - Mas Gata finalmente consegue um pedaço de carne e se atira sobre ele como um Tigre louco e eu penso “Se ela fosse tão grande quanto aquele do zoológico, iria olhar para mim com grandes olhos verdes antes de me devorar”. Estou vivendo o conto de fadas de sábado à noite, na verdade estou me divertindo por causa da biritinha e a alegria e as pessoas despreocupadas - curtindo os bichinhos - percebendo a filhotinha de chihuahua que agora espera humildemente por um pedaço de carne ou de pão, aflita, com o rabo entre as pernas, se ela um dia herdar a terra será por causa da humildade - Com as orelhas abaixadas para trás, chega até a chorar o lamento de medo do pequeno chihuahua - Ainda assim ela se alternava entre nos observar e dormir a noite inteira, e suas próprias reflexões sobre o tema do Nirvana e da morte e os mortais que tentam ganhar tempo até a morte são de uma alta frequência lamurienta de variedade doce e apavorada - e do tipo que diz “Deixe-me em paz, sou delicada demais” e você a deixa em paz em sua conchinha frágil como o casco de canoas acima das profundezas do oceano - gostaria de

poder comunicar a todas as criaturas e pessoas, no resplendor de meus bons tempos enlutarados, o mistério enevoadado do leite mágico visto na Fantasia Profunda da Mente onde aprendemos que tudo é nada – no caso, eles não iriam se preocupar mais, exceto após o instante em que pensam em se preocupar novamente – Todos nós trêmulos em nossas botas de mortalidade, nascidos para morrer, NASCIDOS PARA MORRER eu poderia escrever isso no muro e sobre Muros por todos os Estados Unidos Pomba em asas de paz, com seus olhos de Coleção de Bichos de Noé ao Luar; cão com garras afiadas negras e reluzentes, morrer é nascer, treme em seus olhos púrpuros, seus vasos sanguíneos frágeis descendo pelas costelas; é, as costelas da chihuahua, e as costelas de Tristessa também, lindas costelas, as delas com suas tias em chihuahua também nascidas para morrer, – lindas para serem feias, rápidas para estarem mortas, gratas por estarem tristes, loucas para serem tomadas – e a morte de El Indio, nascido para morrer, o homem, então ele aplica a agulha de Sábado à Noite e toda noite é sábado à noite e ele fica louco de esperar, o que mais ele pode fazer – A morte de Cruz, as gotas de religião se derramando sobre seus cemitérios, a boca repugnante plantada no cetim do caixão da terra... Gemo tentando recuperar toda aquela magia, recorde de minha própria morte iminente, “Se apenas eu tivesse o eu mágico da primeira infância quando me lembrei como era antes de eu nascer, não me preocuparia mais com a morte agora

que sei que as duas são o mesmo sonho vazio” – Mas o que o Galo vai dizer quando morrer, e alguém enfiar uma faca em seu pescoço frágil – E a doce Galinha, aquela que come um glóbulo de cerveja dos pés de Tristessa, seu bico fechando-se como lábios humanos sorvem o leite da cerveja – quando ela morrer, doce galinha, Tristessa que a ama vai salvar seu osso da sorte e embrulhá-lo em pano vermelho e vai guarda-lo entre seus pertences, não obstante a doce Mãe Galinha de nossa Noite de Arca de Noé, ela a provedora dourada que remonta tão longe que você não consegue encontrar o ovo que a impulsionou para fora rompendo a primeira casca original, eles vão abrir caminho no rabo dela com serras tico-tico e fazer carne moída dela, que você passa por um moedor de metal de manivela, e você iria se perguntar por que ela também treme de medo do castigo? E a morte do gato, o ratinho morto na sarjeta com o rosto retorcido – Eu gostaria de poder comunicar a todos os seus medos da morte combinados o Ensino de Séculos de Idade que escutei, que redime toda a dor com uma recompensa suave de amor perfeito silencioso que permanece pra cima e para baixo e para dentro e para fora de todos os lugares passados, presentes e futuros no Vazio desconhecido onde nada acontece e tudo é simplesmente o que é. Mas eles mesmos sabem disso, besta e chacal e mulher amor, e meu Ensino de Séculos na verdade é tão velho

que eles já o ouviram há muito tempo antes de minha época.

Fico deprimido e preciso ir para casa. Todos nós, nascidos para morrer.

PRECISO DA EXPLICAÇÃO brilhante da clareza de cristal de todos os Mundos para mostrar que ficaremos todos bem - A medida de máquinas robôs dessa vez é um tanto irrelevante, talvez todas as vezes - O fato de Cruz cozinhar em um fogão de querosene fumarento grandes caçarolas cheias de carne¹, carne-geral de um novilho inteiro, pedaços de vitela, pedaços de tripa de vitela e miolos de novilho e ossos de testa de novilho... isso jamais mandaria Cruz para o inferno porque ninguém disse a ela para parar a chacina, e mesmo se alguém tivesse feito isso, Cristo ou Buda ou Ó Santificado Maomé, ela ainda estaria segura contra qualquer mal - apesar de, para Deus, o novilho, não -

O gatinho mia apressado por carne - ele mesmo um pedaço de carne agitado - espírito devora espírito no vazio geral.

“PARA DE RECLAMAR!” grito para o gato quando ele corre pelo chão e, finalmente, pula e se junta a nós na cama - A galinha está esfregando seu corpo longo e emplumado gentilmente, de maneira imperceptível, contra a ponta de meu sapato e eu mal posso sentir e

olhar a tempo de reconhecer, que toque gentil de Mão Maia - Ela é a Galinha Poedeira mágica sem origem, a galinha sem limites com a cabeça cortada - O gato mia com tamanha violência que eu começo a me preocupar pela galinha, mas não, o gato está apenas meditando agora em silêncio sobre um pedaço de cheiro no chão, e faço o coitadinho vibrar, um ronronar nos ombros magros e grudentos com a ponta de meu dedo - Hora de ir embora, já afaguei o gato, me despedi de Deus a Pomba, e quero deixar a cozinha hedionda em meio a um sonho dourado perverso - Tudo está acontecendo em uma mente vasta, nós na cozinha, não acredito em uma palavra disso ou em qualquer pedaço substancial de carne vazia de átomos, vejo através disso, através das formas carnis (galinhas e tudo mais) para a brancura do futuro de ametista reluzente da realidade - Estou preocupado mas não satisfeito - “fuu”, digo, e o galo olha para mim, “o que ele quer dizer com fuu?” e o galo prossegue: “Có Coró Có” uma manhã de domingo de verdade (que já é, agora, às duas da manhã) Protesto com veemência e vejo os cantos marrons da casa de sonho e me lembro da cozinha escura de minha mãe há muito tempo em ruas frias na outra parte do mesmo sonho como essa cozinha fria atual com suas panelas embaixo de goteiras e horrores da Cidade do México Indígena - Cruz tenta debilmente me dar boa-noite quando me preparo para ir, eu a afaguei várias vezes, um afago no ombro achando que era isso o que ela queria em certos momentos e a tranquilizei dizendo que

a amava e estava de seu lado “mas não tinha um lado próprio”, minto para mim mesmo – Eu me perguntava o que Tristessa achava dos meus afagos por um tempo quase achei que ela era sua mãe, em um momento louco eu adivinhei isso: “Tristessa e El Indio são irmão e irmã e eles a estão deixando louca com suas conversas na noite sobre veneno e morfina – Então eu me dou conta: “Cruz também é uma viciada, usa três gramas por mês, estará no mesmo tempo e na mesma antena de seu sonho problemático, gemendo e rugindo os três vão passar o resto de suas vidas doentes. Vício e sofrimento. Como doenças de loucos, encefalites insanas por dentro do cérebro onde você destrói sua saúde de propósito para agarrar uma sensação de débil satisfação química que não tem qualquer base em coisa alguma além da mente-pensante – Gnose, eles sem dúvida vão mudar para mim no dia em que tentarem me impor a morfina. E a você”.

Apesar de o pico ter me feito algum bem e eu desde então não ter tocado a garrafa, uma espécie de exausta satisfação abateu-se sobre mim colorida com uma força selvagem – a morfina amainou minhas preocupações mas eu prefiro não toma-la devido à fraqueza que traz a minhas costelas – Elas vão acabar esmagadas – “Depois disso não vou mais querer morfina”, prometo, e tenho um desejo ardente de me afastar de todo o papo sobre morfina que, depois de escutá-lo esporadicamente, acabou por me enfastiar.

Levanto-me para partir, El Indio vai comigo, me conduz até a esquina, apesar de no início ele discutir com elas como se quisesse ficar ou se quisesse algo mais – Saímos depressa, Tristessa fecha a porta às nossas costas, nem mesmo dou para ela um olhar íntimo, apenas uma olhadela quando ela fecha para indicar que irei vê-la depois – El Indio e eu andamos vigorosamente pelas veredas chuvosas e cheias de limo, entramos à direita, e cortamos para a rua do mercado, já comentei sobre o chapéu preto dele, e agora aqui estou eu na rua com o famoso Bastardo Negro – Já ri e disse “Você é igualzinho ao Dave” (o ex-marido de Tristessa) “você até usa o chapéu preto” como eu tinha visto Dave uma vez, em Redondas – na confusão e na turbulência de uma noite quente de sexta-feira com os ônibus em desfile lento e multidões na calçada; Dave entrega o pacote para seu garoto, um vendedor chama o tira, o tira vem correndo, o garoto o devolve para Dave, Dave diz “Está bem, pega y core” e o joga de volta e o garoto acerta a lateral de um ônibus que voava e pendura-se no meio da multidão com suas tripas e seu corpo pendurados acima da rua e seus braços segurando rigidamente a barra da porta do ônibus, os tiras não alcançam, nesse meio tempo Dave desapareceu em um bar, removeu seu lendário chapéu preto e sentou ao balcão com outros homens, olhando para a frente – os tiras não encontram – eu admirei Dave por sua coragem, agora admiro El Indio pela dele – Quando saímos do cortiço de Tristessa ele assobia e grita para um grupo de homens na

esquina, nós andamos e eles se espalham e chegamos na esquina e continuamos andando conversando, não prestei atenção para o que ele fez, tudo o que quero fazer é ir direto para casa - Começou a chuveirar -

“YA VOY DORMIENDO, vou dormir agora” diz El Indio juntando as palmas das mãos em torno da boca digo “Está bem” então ele faz mais uma declaração elaborada eu acho que repetindo em palavras o que eu tinha dito antes por sinais, não consigo demonstrar uma compreensão completa de sua nova afirmação, ele desapontado diz “Yo no entiende” (você não entende) mas eu compreendo que ele quer ir para casa e para a cama - “Está bem” digo - Apertamos as mãos - Então passamos por uma rotina masculina elaborada de sorrisos nas ruas, na verdade sobre as pedras quebradas do calçamento de Redondas -

Para tranquilizá-lo dou um sorriso de despedida e começo a andar mas ele continua olhando com atenção cada movimento do meu sorriso e de minhas pestanas, não consigo me virar com um olhar malicioso arbitrário, quero sorrir para ele quando estiver a caminho, ele responde com os próprios sorrisos igualmente elaborados e psicologicamente corroborativos, trocamos muita informação entre nós com sorrisos loucos de despedida, e então, no limite de sua tensão, El Indio tropeça em uma pedra, e lança ainda um outro sorriso de despedida tranquilizador que encobriu o meu,

parecia não haver mais final à vista, mas cambaleamos em nossas direções opostas como se relutássemos – uma relutância que dura um segundo breve, o ar fresco da noite atinge sua solidão recém-nascida e você e seu Índio partem em um novo homem e o sorriso, parte do antigo, é removido, não necessita mais – Ele vai para sua casa, eu para a minha, por que sorrir disso a noite inteira a menos que tenha companhia – A tristeza do mundo com educação –

DESÇO A RUA TURBULENTA de Redondas, embaixo de chuva, ainda não está forte, eu abro caminho e sigo me esquivando por entre a confusão de atividade com putas às centenas enfileiradas ao longo dos muros da Panamá Street em frente a seus bordéis onde a grande Mamacita está sentada perto da panela de porco da cocina, quando você vai embora ela pede um dinheirinho pelo porco que também representa a cozinha, o rango, cocina – Os táxis vão passando, conspiradores buscam sua escuridão, as putas escondidas na noite com seus dedos curvados de Venha, homens jovens passam e as examinam com um olhar, de braços dados em multidões os jovens mexicanos da Casbah descem juntos sua rua principal de garotas, cabelo jogado sobre os olhos, bêbados, borrachos, morenas de pernas longas em vestidos amarelos apertados os agarram e provocam suas pélvis, e puxam suas lapelas, e imploram – o bambolear dos garotos – os tiras passam pela rua preguiçosos, como bonequinhos

em carrinhos pequenos que seguem invisíveis embaixo da calçada - Uma olhada pelo bar onde as crianças bocejam e uma pelo bar de garotos de programa de bichas onde heróis aracnídeos dançam como putas em seus suéteres de gola rulê para anciãos críticos reunidos de 22 - olhe pelos dois buracos e veja o olho do criminoso, criminoso no paraíso. - Abro caminho, curtindo a cena, balanço a bolsa com a garrafa, viro-me para lançar alguns olhares provocadores para as putas enquanto caminho, elas me enviam ondas sonoras estereotipadas de desprezo e praguejam embaixo de seus umbrais - Estou faminto, começo a comer o sanduíche de El Indio que ele me deu e que no início pensei em recusar para deixar para o gato mas El Indio insistiu que era um presente para mim, então eu exposto de peito aberto em um enlevo delicado enquanto ando pela rua - ao ver o sanduíche começo a comê-lo - termino, enquanto passo correndo, tento comprar tacos, de qualquer tipo, em qualquer barraquinha onde eles gritam "Joven!" - compro fígados fedorentos de salsichas cortadas dentro de cebolas negras brancas fumegando em gordura quente que estala sobre o fogareiro feito de um para-lamas invertido Belisco os calores e os molhos apimentados e acabo devorando bocados inteiros de fogo e sigo correndo - ainda assim eu compro outro, depois, dois, de uma feia carne de vaca picada sobre um bloco de madeira, parece que com cabeça e tudo, pedaços de nervos e cartilagem, tudo misturado junto em uma

tortilla esquelada e devorada com sal, cebolas e folhas verdes tudo picado - um sanduíche delicioso quando você encontra uma barraquinha boa. - As barraquinhas são 1, 2, 3 em fila por quase um quilômetro da rua, iluminadas tragicamente por velas e lâmpadas fracas e lanternas estranhas, todo o México uma Aventura Boêmia no grande platô ao ar livre da noite de pedras, velas e neblina - Passo pela Plaza Garibaldi, o lugar mais cheio de polícia, multidões estranhas agrupadas em ruas estreitas em torno de músicos silenciosos que só mais tarde e de longe você escuta corneteando depois da esquina - Marimbas vibram nos bares grandes - Homens ricos, homens pobres, em chapéus de abas largas se misturam - Saem de portas de vaivém cuspidos pedaços de charuto e batendo mãos grandes nos quadris como se estivessem prestes a mergulhar em um riacho gelado - culpados - Subindo as ruas laterais, ônibus mortos gingham por entre poças de lama, manchas de vestidos de puta amarelos e impetuosos no escuro, grupos encostados contra a parede amantes da adorável noite mexicana - Garotas bonitas passam, de todas as idades, e todos os Gordos cômicos e eu viramos as cabeças grandes para vê-las, são bonitas demais para aguentar -

Passo embalado pelo Correio, atravesso a parte baixa da Juarez, o Palácio das Belas-Artes afundando ali perto - arrasto a mim mesmo até San Juan Letran e me ponho a andar quinze quadras dela passando rápido por lugares deliciosos onde eles fazem churros e cortam pra

você pedaços salgados açucarados e amanteigados de um sonho fresco e quente tirado da cesta engordurada, que você come logo olhando para a noite peruana dos seus inimigos na calçada adiante – Todos os tipos de gangues loucas estão reunidas, líderes chefes satisfeitos ficando altos com a liderança da gangue usam chapéus de esqui escandinavos alucinados por cima de sua parafernália de malandro e corte de cabelo pachuco² – Outro dia aqui passei por uma gangue de crianças em uma sarjeta seu líder vestido como um palhaço (uma meia de náilon na cabeça) e círculos grandes pintados em torno dos olhos, as crianças pequenas o haviam imitado e tentavam roupas de palhaço parecidas, aquilo tudo cinzento com os olhos enegrecidos com riscos brancos, como as roupas coloridas de seda dos jóqueis de grandes pistas de corrida a ganguezinha de heróis pinoquianos (e de Genet) com sua parafernália nos meios-fios, um menino mais velho zombando do Herói Palhaço “Que palhaçada é essa, Herói Palhaço? – Não tem Paraíso em lugar nenhum?” “Não existe um Papai Noel dos Heróis Palhaços, menino maluquinho” – Outros grupos meio hipsters se escondem diante dos bares e boates com música e barulho lá dentro, eu passo por ali rapidamente com um olhar fugaz de Walt Whitman e absorvendo toda aquela informação Começa a chover mais forte, tenho uma longa distância para caminhar e me arrastar com essa perna machucada bem no meio da chuva que se acumulava, sem qualquer chance ou intenção de pegar um táxi, o uísque e a morfina me

deixaram mais tranquilo pela náusea do veneno em meu coração.

QUANDO VOCÊ NÃO tem mais números no Nirvana então não vai mais haver algo como “inumerável” mas as multidões na San Juan Letran pareciam inumeráveis – Eu falo “Conte todos esses sofrimentos daqui até o fim do céu infinito que não é céu e veja quantos você pode somar para fazer um número que impressione o Chefe das Almas Mortas na Fábrica de Carne na cidade Cidade CIDADE todos eles sofrendo e nascidos para morrer, meditando nas ruas às duas da manhã sob aqueles céus imponderáveis” – sua infinitude enorme, a vastidão do platô mexicano distante da Lua vivendo mas para morrer, sua canção triste que às vezes escuto no meu telhado no bairro de Tejado, minha cela no telhado, com velas, à espera do meu Nirvana ou de minha Tristessa – nenhum chega, ao meio-dia ouço “La Paloma” tocada em rádios mentais nos vãos entre as janelas dos cortiços – o menino maluco da porta ao lado canta, o sonho está acontecendo agora mesmo, a música é tão triste, as trompas pulsam, os violinos lamentando-se altos e o bracataca-tracacaca do apregoador Hispano Índio. Vivendo mas para morrer, esperamos aqui nesta prateleira, e lá em cima no céu está todo aquele caramelo de ouro aberto, abra minha porta – o céu é o Sutra de Diamante.

Eu sigo avançando bêbado e insensível, com os pés dando chutes acima da camada de óleo vegetal

Tehuantepec sobre a calçada, calçadas verdes, cheias de vermes da escória invisíveis quando não estão doidões – mulheres mortas escondidas em meu cabelo, passando por baixo do sanduíche e da cadeira – “Você está maluco!” grito em inglês para as multidões “Vocês não sabem que diabos estão fazendo nesta torre de sino com a corda que balança ao movimento do titereiro de Magadha, Mara, a Tentadora, insana... E você todo águia e caça e compra – Você meio bêbado e se surpreende e mente – Seus pobres camaradas protetores escorrendo por entre o desfile suculento de Sua Noite na Rua Principal e você não sabe que o Senhor organizou tudo à vista. Incluindo sua morte. E nada está acontecendo. Não sou eu, você não é você, os inumeráveis eles não são eles, e Um Eu Incontável não existe tal coisa.”

Rezo aos pés do homem, à espera, como eles.

Como eles? Como homem? Como ele? Não existe Ele. Há apenas a palavra divina indizível. Que não é uma Palavra, mas um Mistério. Na raiz do Mistério a separação de um mundo do outro por uma espada de luz. –

Os vencedores do jogo de beisebol desta noite ao ar livre enevoados perto de Tacabatabavac estão comemorando ruidosamente na rua balançando seus tacos de beisebol para a multidão mostrando como podem rebater bem e a multidão caminha por lá despreocupada porque são crianças não delinquentes

juvenis. Eles puxam a aba dos bonés de beisebol para baixo, sobre seus rostos, quando começa a choviscar, tamborilando com suas luvas eles se perguntam “Será que fiz uma jogada ruim na quinta entrada? Será que não correspondi às expectativas na sétima entrada?”

“NO FIM DE San Juan Letran há aquela última série de bares que termina em uma névoa arruinada, terrenos cobertos de adobe quebrado, sem vagabundos escondidos, só mato, sujeira, e a umidade de esgotos e charcos, valas de metro e meio de profundidade nas ruas com o fundo cheio de água – cortiços poeirentos contra a luz da cidade próxima – Olho para as derradeiras portas de bar tristes, onde há lampejos de mulheres, traseiros enfeitados com fitas douradas reluzentes vejo e sinto chegar voando como um passarinho em voo serpenteia. Há crianças na porta em roupas ridículas, a banda emite um cha-cha-cha lamentoso lá dentro, todos balançam os joelhos enquanto dançam e uivam com a música enlouquecida, todo o clube está dançando, se acabando, um negro americano que estivesse andando comigo poderia dizer “Esses caras estão viajando com alguma coisa muito doida, estão se divertindo o tempo todo, eles gemem, gastam todo o tempo batendo e batendo por esse pão, por essa garota, eles estão em pé diante das portas, cara, todos lamentando – sabia? Eles não sabem quando parar. É como Omar Khayan, eu me pergunto se o que

os taberneiros comprem é pelo menos a metade precioso do que eles que vendem.” (Meu garoto Al Damlette.)

EU DESLIGO NESSES últimos bares e começa a chover forte de verdade e ando o mais rápido possível e entro em uma poça grande e saio dela em um pulo todo molhado e pulo pra dentro outra vez e a atravesso - A morfina evita que eu me sinta molhado, minha pele e meus membros estão dormentes - como uma criança quando sai para patinar no inverno, que cai através do gelo, corre para casa com os patins embaixo do braço para não pegar um resfriado, eu continuo a abrir caminho por entre a chuva Pan Americana e acima ouço o rugido gigantesco de um avião da Pan American chegando para aterrissar no Aeroporto da Cidade do México com passageiros vindos de Nova York em busca de encontrar a outra ponta dos sonhos. Olho para cima no meio da chuva e vejo suas caudas soltarem fogo - você não vai me ver aterrissando sobre grandes cidades e tudo o que faço é agarrar o lado do banco e sacudo conforme o piloto nos conduz com habilidade para dentro de um acidente, uma colisão flamejante contra a lateral de armazéns no bairro dos cortiços da Velha Cidade dos índios - o quê? Com todos eles rá tá tá com revólveres nos bolsos abrindo caminho por entre meus ossos brumosos à procura de algo feito de ouro, e então os ratos roem você.

Eu prefiro caminhar do que andar de avião, posso cair de cara no chão e morrer assim. – Com uma melancia embaixo do braço. Mira.

CHEGO NA MARAVILHOSA Orizaba Street (depois de cruzar grandes parques enlameados perto do Cine México e a rua de bondes lúgubre nomeada em homenagem ao lúgubre general Obregon na noite chuvosa, com rosas no cabelos de sua mãe) – A Orizaba Street tem uma fonte e um lago magníficos em um parque verdejante. A rua faz um círculo em torno deles na forma residencial esplêndida de pedra e vidro e grades antigas e volutas intrincadas de uma majestade adorável que quando são olhadas pela lua se misturam com os mágicos jardins espanhóis interiores de uma arquitetura (se é arquitetura o que deseja) projetada para noites adoráveis em casa. Andaluza na intenção.

A fonte não está jorrando água às duas horas da manhã, como se devesse fazê-la, embaixo de chuva, e eu andando por ali, sentado em um carrinho sobre trilhos, e passando sobre desvios cor-de-rosa nos subterrâneos da terra como os tiras na ruazinha de putas a 35 quadras atrás e lá perto do centro –

É a noite chuvosa lúgubre que me alcançou – a água escorre de meus cabelos, meus sapatos estão encharcados – mas estou com meu blusão, e ele está empapado pelo lado de fora – mas ele é repelente de chuva – “Por que eu o comprei em Richmond Bank” mais

tarde conto extravagâncias sobre ele, em um sonho de criança pequena. – Corro para casa, passo pela padaria onde, às duas da manhã, eles já não fazem mais donuts da madrugada, tranças tiradas de fornos e meladas de xarope e vendidas a você através de uma janela por dois centavos cada, e eu costumava comprar cestos delas em meus dias mais jovens – agora está fechada, a noite chuvosa da Cidade do México do presente não contém rosas e nem donuts quentinhos e frescos e ela é triste e fria. Atravesso a última rua, reduzo o ritmo e relaxo, expirando e tropeçando em meus músculos, agora entro, morte ou não morte, e durmo o sono doce dos anjos brancos.

Mas minha porta está trancada, a minha porta da rua, não tenho a chave dela, todas as luzes estão apagadas, fico ali de pé pingando na chuva sem lugar para me secar e durmo – Vejo uma luz na janela do Velho Bull Gaines e vou até lá e olho surpreso para dentro, vejo só sua cortina dourada, e me dou conta “Se não posso entrar na minha própria casa então vou bater na janela de Bull e dormir na poltrona dele”. O que faço. Bato e ele surge de dentro daquele estabelecimento escuro de cerca de vinte pessoas em seu roupão de banho e anda pelo pedacinho de chuva entre o prédio e a porta – chega e abre a porta de ferro. Entro atrás dele – “Não posso ir para minha casa” digo – Ele quer saber o que Tristessa disse sobre amanhã, quando eles conseguirem mais drogas no Mercado negro, o Mercado Vermelho, o Mercado índio – Então está tudo certo com Old Bull e eu

durmo e fico no quarto dele - “Até abrirem a porta da rua às oito horas da manhã”, acrescento, e de repente resolvo me enroscar no chão com uma coberta fina, que, assim que me cubro parece um leito macio de lã e fico ali deitado divino, as pernas muito cansadas e as roupas parcialmente molhadas (estou enrolado no grande roupão atoalhado de Old Bull como um fantasma em um banho turco) e toda a jornada na chuva está terminada, tudo o que tenho a fazer é ficar ali deitado no chão sonhando. Eu me enroscro e começo a dormir. No meio da noite, agora, com a lampadazinha amarela acesa, e a chuva caindo com força lá fora, Old Bull Gaines está com as persianas fechadas e fuma um cigarro atrás do outro e não consigo respirar no quarto e ele está tossindo. “Hã-hã!” a tosse seca de viciado, como um protesto, de nariz comprido, de uma beleza estranha e cabelos grisalhos e magro e elegante no seu jeito negligente de pedir uma dose (“estudante de almas e cidades” ele chama a si mesmo) decapitado e bombardeado pela força da morfina - Mas ainda assim com toda a coragem do mundo. Ele começa a comer um doce. Fico ali acordando e percebendo que Old Bull está comendo doce ruidosamente à noite Todos os lados de seu sonho - Incomodado, olho ansiosamente ao redor e o vejo cumendu e mastigandu doci atrás de doci, que coisa absurda de se fazer às quatro da manhã na cama - Então, às quatro e meia, ele está de pé e ferve umas cápsulas de morfina em uma colher - você o vê, depois que a droga é sugada para dentro e empurrada para

fora da seringa, com uma língua grande e satisfeita lambendo para que ele consiga cuspir no fundo enegrecido da colher e ele a esfrega com um pedaço de papel até limpar e deixa-la prateada, usando, para polir de verdade a colher, um pouquinho de cinza - E ele se recosta, começando a sentir, leva dez minutos, um estrondo muscular - por cerca de uns vinte minutos ele pode se sentir muito bem - se não, lá está ele remexendo em sua gaveta e me acordando de novo, está procurando suas bolas - "para ele conseguir dormir".

Para eu conseguir dormir. Mas não. Imediatamente ele quer outra dose de alguma coisa, ele levanta e abre sua gaveta e tira um vidro de pílulas de codeína e conta dez delas e as toma, empurradas com um gole de café frio de sua xícara velha que está em cima da cadeira ao lado da cama - e ele resiste à noite, com a luz acesa, e acende mais cigarros - Em algum momento perto do amanhecer ele pega no sono Eu me levanto após algumas reflexões às 9h ou 8h ou 7h e logo visto minhas roupas molhadas para correr lá para cima para minha cama quente e roupas secas - Old Bull está dormindo, ele finalmente conseguiu, Nirvana, está roncando e está apagado, odeio acordá-lo mas ele terá de se trancar por dentro, com a tranca e a fechadura - está nublado lá fora, a chuva finalmente parou depois de uma pancada mais pesada ao amanhecer. 40.000 famílias ficaram desabrigadas com a enchente na parte noroeste da cidade do México por causa daquela tempestade. Old

Bull, longe das enchentes e tempestades com suas agulhas e seus pós ao lado da cama e algodões e seringas e toda a parafernália - “Quando você tem morfina, você não precisa de mais nada, meu caro”, ele me diz durante o dia, todo penteado e doidão, sentado em sua poltrona com alguns papéis, o retrato do contentamento saudável - “Eu a chamo de Madame Papoula. Quando você tem ópio, você tem tudo do que precisa. - Todo aquele O delicioso corre por suas veias e você tem vontade de cantar Aleluia!” E ele ri. “Se eu tiver que escolher entre a Grace Kelly e a morfina, fico com a morfina.”

“A Ava Gardner também?”

“A Ava Gvavna e todas as gostosas em todos os países até agora - se eu puder ter minha M da manhã e minha M da tarde e minha M da noite antes de ir para a cama, não preciso nem saber que horas são no Relógio da Prefeitura...” Ele me conta tudo isso e ainda mais, balançando a cabeça com vigor e sinceridade. Seu queixo estremece de emoção. Porque, pelamordedeus, se eu não tivesse droga eu ia me entediar até a morte, ia morrer de tédio”, reclama ele, quase chorando - “Leio Rimbaud e Verlaine, sei do que estou falando - A droga é a única coisa que quero - Você nunca sentiu a dor de sua falta, não sabe como é - Cara, quando você acorda de manhã passando mal e toma uma boa dose, cara, isso é gostoso. Posso ver a mim e a Tristessa acordando em nosso louco leito nupcial de cobertores e cães e gatos e

canários e manchas de porra no lençol e pelados de corpos colados (sob os olhos gentis da Pomba) ela me aplica ou eu me aplico em uma grande dose de veneno colorido direto na carne de seu braço e para dentro de seu sistema que instantaneamente proclama ser seu na solução você sente a fraqueza cair sobre o seu corpo, se sente doente – mas nunca senti a dor da falta da droga, não conheço o horror dessa doença – Uma história que Old Bull poderia contar muito melhor do que eu –

ELE ME DEIXA sair, mas só depois de resmungar e falar atabalhoadamente até conseguir sair da cama – segurando os pijamas e o roupão de banho, encolhendo a barriga onde ela dói, onde algum tipo de hérnia escondida o incomoda – pobre sujeito doente, quase sessenta anos de idade e segurando a onda de suas doenças sem incomodar ninguém – nascido em Cincinatti, crescido nos Barcos a Vapor do Rio Vermelho. (Perna vermelha?[3](#) Suas pernas brancas como neve) –

Vejo que a chuva parou e estou com sede e bebi duas xícaras de água de Old Bull (fervida, e guardada em uma jarra) – atravesso a rua em meus sapatos molhados e compro uma Spur-Cola bem gelada e a bebo a caminho do meu quarto – Os céus estão se abrindo, talvez faça sol à tarde, o dia está quase fantástico e atlântico, como um dia no mar, em frente à costa de Firth na Escócia – E brado bandeiras imperiais em meus pensamentos e subo

correndo os dois lances de escada até meu quarto, o último lance, um esqueleto de metal em ruínas que range e range em seus pregos, cheio de areia, chego no chão de adobe do telhado, o Tejado, e caminho por pequenas poças escorregadias perto do parapeito do pátio aberto com só meio metro de altura então você pode facilmente cair três andares e rachar o crânio no chão de lajotas vermelhas onde americanos rangem os dentes e discutem às vezes em festas barulhentas na madrugada, no lusco-fusco do amanhecer – Eu podia cair, Old Bull quase caiu quando morou um mês no telhado, as crianças sentam sobre a pedra confortável do parapeito de meio metro de altura e conversam e brincam, o dia inteiro correndo em volta daquela coisa e escorregando, e nunca gosto de olhar – Chego ao meu quarto depois de duas curvas do Buraco e destranco meu cadeado que está pendurado em pregos enferrujados meio soltos (uma vez saí e deixei o quarto aberto o dia inteiro) – Entro e bato a porta de madeira úmida com a chuva e a chuva amoleceu a madeira e a porta mal se ajusta no alto – Visto minhas calças secas de vagabundo e duas camisas de vagabundo grandes e vou para a cama com meias grossas e termino com a parada e a deixo sobre a mesa e digo: “Ah”, e esfrego minha boca e olho por um instante para os buracos em minha porta que mostram o céu da manhã de domingo lá fora e escuto sinos de igreja lá na alameda Orizaba e as pessoas estão indo para a igreja e vou dormir, compenso isso depois, boa-noite.

“ABENÇOADO SENHOR, TU que amas toda a vida sensível.”

Por que tenho de pecar e fazer o sinal-da-cruz?

“Nem um dentre o vasto acúmulo de conceitos, de tempos imemoriais ao presente e até o futuro infinito, nenhum deles é atingível.”

É a velha questão de “Sim, a vida não é real” mas você vê uma mulher bonita ou algo que não consegue parar de desejar porque está ali na sua frente – Essa mulher bonita de 28 anos em pé à minha frente com seu corpo frágil (“Eu vos ponho em meu pescoço [um peitilho] para que ninguém olhe e veja meu belo corpo,” ela não se considera bonita) e aquele rosto tão expressivo, de dor e beleza que sem dúvida ajuda na construção deste mundo fatal – um belo alvorecer, que faz você parar nas areias e olhar para o mar ouvindo em seus pensamentos a Música do Fogo Mágico de Wagner – a fisionomia frágil e santificada da pobre Tristessa, a bravura trêmula de seu corpinho consumido pela droga que um homem podia jogar três metros para o alto – o fardo da morte e da beleza – uma Forma inteiramente pura diante de mim, todos os abalos e torturas da beleza sexual, os seios, que afloram no corpo, toda aquela carne de mulher boa de abraçar, algumas delas de um metro e oitenta de altura, e dormir sobre suas barrigas à noite como um cochilo em uma margem onírica de mulher – Como Goethe aos oitenta, você conhece a

futilidade do amor e dá de ombros – Você dá de ombros para o beijo quente, a língua e os lábios, o puxão na cinturinha fina, toda aquela coisa quente e flutuante contra você, abraçando apertado – a mulherzinha – pois os rios correm e os homens caem das escadas – Os dedos magros marrons e frios de Tristessa, lentos e despreocupados e preguiçosos, como o encontro dos lábios A Noite Espanhola de Tristessa de seu profundo buraco do amor, as touradas em seus sonhos com você, a rosa preguiçosa e molhada contra a face lânguida E toda a beleza concomitante de uma mulher linda que um homem jovem em um país distante devia desejar satisfazer – Eu estava viajando em círculos na América do Norte em meio a uma tragédia sombria.

FICO ALI OLHANDO para Tristessa, ela veio me visitar em meu quarto, ela não quer sentar, fica em pé, falando – à luz da vela está animada e ansiosa e bela e radiante – Eu me sento na cama e olho para o chão de pedra enquanto ela fala – Nem sequer escuto o que ela diz, sobre droga, Old Bull, como está cansada – “Tenho que fazer issu amanha – AMANHAN –” Ela me cutuca com a mão para enfatizar, até que eu diga “E, é, isso mesmo”, e ela continua com sua história, que eu não entendo – Simplesmente não posso olhar para ela por medo dos meus pensamentos – Mas ela cuida de tudo isso para mim, ela diz “É, é doloroso – “Eu digo “La Vida es dolor” (a vida é dor), ela concorda, diz que a vida

também é amor”. “Quando você tem um milhão de pesos eu não me importo quantos, não importam” – diz ela, apontando para minha parafernália de escritos com capa de couro e envelopes da Sears Roebuck com selos e envelopes de cartas dentro – como se eu tivesse um milhão de pesos escondidos na hora no meu chão – “Um milhão de pesos não importam – mas quando você tem o amigo, o amigo dá isso pra você na cama”, diz ela, as pernas um pouco afastadas, movendo os quadris no ar na direção de minha cama para mostrar como um ser humano é melhor do que um milhão de pesos de papel – Penso na doçura inexplicável de receber essa amizade sagrada do corpo doente sacrificial de Tristessa e quase sinto vontade de chorar ou de agarrá-la e beijá-la – Sou assomado por uma onda de solidão, que me recorda amores passados e corpos em camas e a ondulação irresistível quando você entra em sua profundidade adorada e todo o mundo vai com você – Apesar de sabermos que Maia a Tentadora é má, seus campos de tentação são inocentes – Como Tristessa, ao despertar paixão em mim, pode ter algo a ver, exceto como um campo de batalha ou como uma simplória inocente ou uma testemunha material de minha luxúria assassina, como ela pode ser culpada e como pode ser mais doce do que ali de pé me explicando meu amor diretamente com a pantomima de suas coxas. Ela está doidona, fica mexendo na lapela de seu quimono (por baixo aparece a combinação) e tenta prender o imprendível a um botão

inexistente do casaco. Olho no fundo de seus olhos, querendo dizer “Você seria minha amiga desse jeito?” e ela olha direto para mim em poços de nem isso nem aquilo, sua combinação de relutância em romper com as conveniências de sua repugnância pessoal que encontra ainda por cima abrigo na Virgem Maria, e seu amor de me deseje sorte, a torna tão misteriosa quanto Tathagatha cuja forma é descrita como inexistente, mais inescrutável que o lugar para onde vai todo o fogo que é apagado. Não consigo um sim ou um não de seus olhos no tempo que dedico a eles. Muito nervoso, eu me sento, levanto, sento, ela continua de pé explicando outras coisas. Estou impressionado com a maneira como a pele dela se enrugua para fazer um O com tanta delicadeza abaixo de seu nariz em linhas ainda mais nítidas, e seu risinho de prazer que surge tão raramente, com um jeitinho de menininha, uma criança alegre. – Será meu pecado se eu passar uma cantada nela.

QUERO TOMÁ-LA COM as duas mãos pela cintura e puxá-la devagar para perto com poucas palavras bem escolhidas de ternura súbita como “Mi gloria angela” ou “Mi qualquer coisa” mas não tenho linguagem para encobrir meu embaraço – Pior de tudo seria com que ela me empurrasse para o lado e dissesse “No, no, no”, como os heróis de bigodes desapontados dos filmes franceses sendo dispensados pela esposa loura do

guarda-freios, perto de uma cerca, com fumaça, à meia-noite, nos pátios das ferrovias francesas, e eu viro o rosto de amante em dor e peço desculpas – movendo-me dali com a sensação de que tenho um rasgo bestial em mim que eu não havia percebido, conceitos comuns a todos os jovens apaixonados e velhos também. Não quero deixar Tristessa desgostosa – Eu ficaria horrorizado de incomodar seus segredos ternos de pétalas arruinadas de carne e em saber que acorda de manhã aninhada contra as costas de algum homem indesejado que ama à noite e depois dorme, e acorda berrando antes de se barbear e sua própria presença causa consternação onde antes havia a pureza perfeita e absoluta de ninguém.

Mas o que perdi quando não recebi aquele mergulho amigo do corpo do amante, que vem direto para mim, todo meu, mas era um matadouro por carne e tudo o que você faz está destinado a provocar estragos em uma meninice em que algo terá de ceder. – Quando Tristessa tinha doze anos, velhos pretendentes torceram seu braço sob o sol em frente à porta da cozinha da mãe – Já vi isso um milhão de vezes, no México os rapazes querem as garotas – Sua taxa de natalidade é fantástica – Eles os produzem gemendo e morrendo às toneladas douradas em tonéis parecidos com barris de vinho no Velho Berço de Tóquio. Eu agora perdi o fio de meu pensamento –

É, as coxas de Tristessa e a carne dourada, todos meus, o que eu sou, um homem das cavernas? Sou um homem das cavernas.

Um homem das cavernas enterrado fundo no chão. Apenas a coroa de sua boca na face pulsante, e minha lembrança de seus olhos esplêndidos, como se estivesse sentada em um camarote a adorável última moda na França e começa a orquestra barulhenta e eu me viro para o Monsieur ao meu lado e sussurro “Ela é splendide, non?” – Com uísque Johnny Walker no bolso do paletó do meu smoking.

Eu me levanto. Preciso vê-la.

A POBRE TRISTESSA está ali oscilante enquanto explica todos os seus problemas, como não tem dinheiro suficiente, ela está passando mal, vai continuar a passar mal de manhã e eu percebi em seu olhar o gesto de uma sombra de aceitação da ideia de mim como seu amante – A única vez em que vi Tristessa chorar foi quando ela estava em um bode terrível na beira da cama de Old Bull, como a mulher no último banco de uma igreja na novena diária ela esfrega os olhos Ela aponta para o céu outra vez, “Se meu amigo não me pagar”, diz olhando direto para mim, “meu Senhor me paga – mais” e eu sinto o espírito adentrar no quarto enquanto ela está ali de pé, esperando com o dedo apontado para cima, sobre as pernas afastadas, confiante, pois seu Senhor irá pagá-la – “Entaun eu doo todo o que tenho pro meu amigo e si

ele naun me pagar” – ela dá de ombros – “Meu Senhor me paga” – está alerta outra vez – “Mais” e conforme o espírito flutua ali pelo quarto eu percebo todo o horror lúgubre daquilo (sua recompensa é tão pequena) agora vejo irradiar da coroa de sua cabeça mãos incontáveis que chegaram de todos os dez cantos do Universo para abençoá-la e declará-la Bodhisat por dizer e conhecer tão bem.

Sua iluminação é perfeita – “E não somos nada, você e eu”, – ela cutuca meu peito, “Jew-Jew” (jeito mexicano de dizer “You”) “e eu” – apontando para si mesma – “Não somos nada. Podemos morrer amanha, por isso não somos nada –” Concorde com ela, sinto a estranheza dessa verdade, sinto que somos duas almas vazias de luz, ou como fantasmas em velhas histórias de casa assombrada, diáfanos, preciosos e brancos e ausentes – Ela diz “Eu sei que você quer dormir”:

“Não não”, digo ao ver que ela quer ir embora.

“Eu preciso de ir dormir, dimanha cedo vou ver o cara e descolar a morfina e vultu pra encontrar o Old Bool” – e como somos nada, nada, esqueço o que ela disse sobre amigos completamente perdidos na beleza de sua estranha imaginação inteligente, tudo absolutamente verdadeiro – Ela é um anjo, penso em segredo, e a acompanho até a porta com os braços em movimento enquanto ela se inclina na direção da porta e fala enquanto vai embora – Tomamos cuidado para não tocar um no outro – Eu estremeço, certa vez pulei um

quilômetro quando seu dedo tocou meu joelho em conversas, sentados em cadeiras – na primeira tarde em que eu a vira de óculos escuros, na janela banhada pelo sol da tarde, perto da luz de uma vela acesa pelo barato, os baratos perversos da vida, fumegante, como a dona, a donzela de Las Vegas, ou a Heroína Revolucionária do México de Marlon Brando Zapata – com heróis de Culiacan e tudo mais – Foi então que ela me pegou – No espaço dourado da tarde a aparência, a beleza pura, como seda, as crianças rindo, eu enrubescido, na casa do cara onde descobrimos Tristessa pela primeira vez e começamos tudo isso – Sympaticus Tristessa com seu coração de portão dourado, que eu no início achava que era uma encantadora do mal – Eu tinha esbarrado com uma santa no México Moderno e aqui estava eu fantasiando sonhos e mais sonhos sobre ordens predeterminadas por nada e traições necessárias – a traição do velho pai quando usa uma artimanha para seduzir os três moleques enlouquecidos que brincam e gritam na casa em chamas “Vou dar para cada um de vocês seu carrinho favorito”, eles saem correndo atrás dos carrinhos, e ele lhes dá o Grande Carrinho Incomparável e Elevado Veículo de um Único Novilho Branco que eles são jovens demais para apreciar com aquele comando do Grandecarro, ele me fizera uma oferta – Olho para a perna de Tristessa e resolvo evitar a questão de destino e descanso além do paraíso.

Faço brincadeiras com seus olhos fabulosos e ela quer estar em um mosteiro.

“DEIXE TRISTESSA EM PAZ” digo, de qualquer jeito, como se dissesse “Deixa o gato em paz, não o machuque” e abro a porta para ela, para podermos sair, à meia-noite, de meu quarto - Levo na mão, aos tropeções estranhos, uma grande lanterna de guarda-freios para iluminar seus passos quando descemos os degraus perigosos, é desnecessário dizer, ela quase tinha caído quando subiu, ela gemeu, reclamou enquanto subia, ela sorriu e desceu com passinhos miúdos e a mão na saia, com aquela lentidão linda e majestosa de mulher, como uma ninféia chinesa.

“Não somos nada.” “Podemos morrer amanhã.” “Não somos nada.”

“Você e eu.”

Eu acompanho-a educadamente com a lanterna até a rua, onde chamo um táxi branco para levá-la para casa.

Desde tempos imemoriais e adentrando o futuro sem fim, os homens amaram mulheres sem dizer a elas, e o senhor os amou sem dizer, e o vazio não é o vazio porque não há nada para ser esvaziado.

Estás aí, Senhor estrela? - Suave é o chuveirar que perturbou minha calma.

PARTE DOIS

Um ano mais tarde...

NUNCA É SUAVERE O chuvilhar que não perturbou a calma – Não contei a ela que a amava mas quando fui embora do México comecei a pensar nela e então e comecei a dizer a ela que a amava em cartas, e quase fiz, e ela escreveu, também, belas cartas em espanhol, dizendo que eu era doce, e por favor, volte logo Voltei correndo tarde demais, eu devia ter voltado na primavera, quase voltei, não tinha grana, só cheguei até a fronteira do México e senti aquela ânsia de vômito do México – segui para a Califórnia e vivi em um barraco com jovens visitantes tipo monge budista todos os dias e segui para o norte até Desolation Peak e passei um verão rústico na natureza, comia e dormia sozinho – disse, “Logo vou voltar para os braços quentes de Tristessa” – mas esperei tempo demais.

Oh, Senhor, por que fizeste isso com teus próprios anjos, essa vida malograda, essa cena maltrapilha argh cheia de vômito e ladrões e morte? – não poderias ter-nos posto em um paraíso desolador onde tudo fosse

alegre a qualquer preço? – És masoquista, Senhor, és o Doador Índio, és aquele que Odeia?

Estava finalmente de volta ao quarto de Bull depois de uma viagem de seis mil quilômetros desde o pico da montanha perto do Canadá, uma viagem por si só terrível o suficiente, não merece mais discussões – e ele saiu e a buscou.

Ele já havia me avisado: “Não sei qual o problema com ela, ela mudou nas últimas duas semanas, mesmo na semana passada –”

“É por que ela sabia que eu estava para chegar?” pensei sombriamente –

“Ela tem uns acessos e joga xícaras de café na minha cabeça e perde meu dinheiro e cai pela rua –” “Qual o problema com ela?”

“Bolas. Tranquilizantes. – Disse a ela para não tomar demais – Você sabe como só um viciado velho, com muitos anos de experiência, sabe lidar com pílulas para dormir – ela não escuta, ela não sabe usar direito, toma três, quatro, às vezes cinco, uma vez, doze, não é mais a mesma Tristessa – O que quero fazer é casar com ela e conseguir minha cidadania, sabe. Você acha uma boa ideia? – Afinal de contas, ela é minha vida, sou a vida dela” –

Percebi que Old Bull tinha se apaixonado – por uma mulher que não se chamava Morfina.

- Eu nunca a toco - é só um casamento de conveniência - você sabe o que estou falando - Eu não consigo descolar as paradas sozinho no mercado negro, eu não sei como, preciso dela e ela precisa do meu dinheiro.

Bull recebia US\$ 150 por mês de um fundo de pensão feito por seu pai antes de morrer - seu pai o amara, e eu sabia por que, pois Bull é uma pessoa doce e terna, apesar de ter um pouquinho de presidiário, por anos em Nova York ele sustentou seu vício roubando uns US\$ 30 por dia, durante vinte anos - Foi preso algumas vezes quando eles o pegavam com a mercadoria errada - na cadeia, ele era sempre o bibliotecário, é um grande erudito, de muitas maneiras. Com um interesse maravilhoso por história e antropologia e tudo relacionado com a poesia simbolista francesa, acima de tudo Mallarmé - Não estou falando do outro Bull⁴, que é o grande escritor que escreveu Junkey - Este é outro Bull, mais velho, quase sessenta, escrevi poemas em seu quarto durante todo o verão passado quando Tristessa era minha, minha, e eu não a tomava - Tinha alguma noção ascética ou celibatária idiota de que eu não devia tocar em uma mulher - Meu toque poderia tê-la salvo - Agora tarde demais -

Ele a traz para casa e logo vejo que há algo errado - Ela chega e entra cambaleante de braços com ele e dá um sorriso leve (graças a Deus por isso) e estende os braços rigidamente, não sei o que fazer e seguro seus

braços no ar, “Qual o problema com Tristessa, ela está doente?”

“Ela ficou o mês passado inteiro com uma perna paralisada e seus braços ficaram cobertos de cistos. Olha, no mês passado, ela foi uma garota muito doente.”

“Qual o problema com ela agora?”

“Psst – deixe ela sentar” –

Tristessa está me segurando e aos poucos aproxima seu lindo rosto moreno do meu, com um sorriso precioso, e finjo quase deliberadamente ser o americano confuso –

Olhe, eu ainda vou salvá-la –

O PROBLEMA É, o que eu faria com ela depois de conquista-la? – é como ganhar um anjo no inferno e você tem é autorizado a descer com ela para onde é pior ou para onde talvez haja luz, alguma, lá embaixo, talvez eu esteja maluco –

“Ela está pirando”, diz Bull, “essas bolas fazem isso com todo mundo, com você, qualquer pessoa.”

Na verdade, duas noites mais tarde o próprio Bull tomou demais e comprovou isso –

O problema dos viciados, abençoados os viciados em narcóticos, é conseguir a parada – Veem recusas por todos os lados, estão permanentemente infelizes – “Se o governo me desse morfina o suficiente todos os dias, eu seria totalmente feliz e teria a maior disposição de

trabalhar como enfermeiro em um hospital Cheguei a mandar minhas ideias sobre o assunto para o governo, em uma carta em 1938 enviada de Lexington, na qual dizia que era possível resolver o problema dos narcóticos botando os viciados para trabalhar, com suas doses diárias, na limpeza do metrô, qualquer coisa, como qualquer outra pessoa doente - Como os alcoólatras, eles precisam de remédio -"

Não me lembro de tudo o que aconteceu exceto pela noite passada tão profética, tão horrível, tão triste e louca - Melhor fazer isso assim, por que ficar valorizando?

TUDO COMEÇOU QUANDO Bull ficou sem morfina. Estava mal e tomou umas bolas demais (secanol) para compensar a falta de morfina, por isso fica agindo como um bebê, desleixado, como se estivesse senil, não tão ruim quanto na noite em que dormiu em minha cama no telhado porque Tristessa tinha pirado e estava quebrando tudo no quarto dele e batendo nele e caindo de cabeça no chão. Ela tinha comprado as bolas em uma farmácia, Bull não dava mais para ela - As senhorias ansiosas estão gritando na porta, achando que nós a estamos espancando, mas é ela quem está nos dando uma surra -

As coisas que ela me disse, o que ela realmente pensava de mim, agora vieram à tona, um ano mais tarde, um ano tarde demais, e tudo o que eu devia ter

feito era contar a ela que eu a amava – Ela me acusou de ser um maconheiro sujo, me expulsou do quarto de Bull, tentou me bater com uma garrafa, tentou pegar minha bolsa de tabaco e ficar com ela, precisei lutar com ela – Bull e eu escondemos a faca de pão embaixo do tapete – Ela fica ali sentada no chão como um bebê idiota, dizendo palavras sem sentido para os objetos – Ela me acusa de tentar fumar maconha tirada da minha bolsa de tabaco mas é apenas fumo Bull Durham para enrolar cigarros porque os cigarros comerciais têm um produto químico neles para mantê-los firmes que prejudicou minhas veias e artérias flebíticas sensíveis –

Então Bull está com medo que ela o mate à noite, não conseguimos tirá-la de lá, antes (há uma semana) ele tinha chamado a polícia e as ambulâncias e nem eles conseguiram tirá-la de lá, México – Então ele vai dormir na cama de meu quarto novo, com lençóis limpos, se esquece que já tomou duas bolas e manda mais duas e aí fica cego, não consegue achar os cigarros, tateia e derruba tudo, mija na cama, derruba o café que levo para ele, eu tenho que dormir no chão de pedra entre percevejos e baratas, eu, mal-humorado, o insulto a noite inteira: “Olhe só o que você fez com minha cama limpinha”.

“Não posso evitar – preciso achar outra cápsula – Isto é uma cápsula?” Ele segura um palito de fósforos e acha que é uma cápsula de morfina. “Me dá sua colher” – Ele vai fervê-lo e se picar – meu Deus – Ao amanhecer, na hora cinzenta, ele finalmente vai embora para seu

quarto aos tropeções. Leva todas as suas coisas, incluindo uma Newsweek que ele nunca poderia ter lido - Derramo as latas de mijo na privada. Está totalmente azul, como o azul de Sir Joshua Reynolds. Penso: "MEU DEUS, ele deve estar morrendo!" mas depois descobri que eram latas de anil - Enquanto isso, Tristessa tinha dormido e estava se sentindo melhor e de alguma forma eles saíram e descolaram suas doses e no dia seguinte ela voltou batendo na janela de Bull, pálida e linda, já não era mais uma feiticeira asteca, pedindo desculpas com ternura -

"Ela vai voltar a tomar bola de novo em uma semana", diz Bull - "Mas eu não vou mais dar para ela" - ele engole uma -

"Por que você toma?!" grito.

"Porque eu sei como, eu sou viciado há quarenta anos."

Então chegou a noite fatal -

Eu já tinha arranjado um táxi e uma vez na rua disse a Tristessa que a amo - "Yo te amo" - Sem resposta - Ela mente para Bull e conta a ele que eu fiz a proposta para ela dizendo "Você já dormiu com muitos homens, por que não dormir comigo?" - Eu jamais disse tal coisa, apenas "Yo te amo" - Porque eu a amo - Mas o que fazer com ela - Ela não costumava mentir antes das bolas - Na verdade costumava rezar e ir à igreja -

Desisti de Tristessa e esta tarde, com Bull passando mal, tomamos um táxi para ir até os cortiços encontrar

El Indio (O Bastardo Negro como era conhecido em seu ramo), que sempre tem alguma coisa - Sempre foi meu pressentimento secreto que El Indio também ama Tristessa - Ele tem belas filhas crescidas, deita-se em um leito por trás de cortinas finas com a porta escancarada para o mundo, doidão de M, sua mulher mais velha está sentada ansiosa em uma cadeira, os ícones queimam, ocorrem discussões, gemidos, tudo sob os infinitos céus mexicanos - Chegamos até sua casa e a sua velha mulher nos diz que é sua esposa (não sabíamos) e que ele não está então sentamos nos degraus de pedra que davam para aquele terreno maluco cheio de crianças berrando e bêbados e mulheres com roupa para lavar e cascas de bananas, e você devia pensar e esperar aqui - Bull está passando tão mal que precisa ir para casa - Alto, encurvado, o mago quase cadáver ele segue, me deixando bêbado sentado na pedra desenhando as crianças em meu caderninho -

Então surge uma espécie de anfitrião, um homem amistoso e imponente, com um copo cheio de pulque, dois copos, ele insiste que a gente beba de vira-vira, eu topo, bam, para dentro, o suco de cactus escorrendo de nossos lábios, ele me ganha - Mulheres riem Há uma cozinha grande - Ele me traz mais - bebo e desenho as crianças - Ofereço dinheiro pelo pulque, mas ele não aceita - Começa a escurecer no quintal.

Já bebi quase um litro de vinho no caminho até ali, é um de meus dias de beber, tenho andado entediado e

triste e perdido – também, por três dias tenho pintado e desenhado a lápis, giz de cera e aquarelas (minha primeira tentativa formal) e estou exausto Fiz um esboço de um artista mexicano pequeno e barbado no teto de sua cabana e ele arrancou o desenho do caderno grande para guardar com ele – bebemos tequila de manhã e fizemos desenhos um do outro – Ele fez uma espécie de esboço de turista de mim, que mostrava como eu era um americano bonito e jovem, não entendo (ele quer que eu compre?) – Eu fiz um terrível rosto negro apocalíptico dele, também seu corpo miúdo retorcido na beira do sofá. Os céus e a posteridade irão julgar toda essa arte, seja lá o que for – Então estou desenhando um menininho em especial que não para quieto e então começo a desenhar a Virgem Madona –

Surgem mais companheiros e eles me convidam para um grande salão onde há uma mesa branca grande coberta com xícaras de pulque e no chão jarros cheios – Impressionantes os rostos ali – Penso “Vou me divertir e enquanto isso estou em frente à porta de El Indio e vou pegá-la para Bull quando ele chegar em casa – E Tristessa vai chegar também – Borracho, secamos xícaras grandes de suco de cactus e há um cantor idoso com violão e seu jovem menino discípulo com lábios sensíveis grossos e a anfitriã grande e gorda que parecia saída da Idade Média de Rabelais e Rembrandt que canta – O líder dessa grande gangue de quinze parece ser Pancho Villa na cabeceira da mesa, o rosto vermelho de barro, perfeitamente redondo e alegre, mas com uma

expressão de coruja mexicana, com olhos loucos (acho) e uma camisa vermelha quadriculada muito legal e como sempre em uma felicidade extática – Mas ao lado dele há outros mais sinistros, espécie de tenentes, olho para eles do outro lado da mesa direto nos olhos levanto um brinde e chego a perguntar “Que és la vida? O que é a vida?” – (para mostrar como sou esperto e filosófico) – Enquanto isso um homem de terno e chapéu azuis parece o mais amistoso, ele me conduz até o banheiro para um papo legal enquanto mijamos Ele tranca a porta – Seus olhos estão muito afundados em órbitas gorduchas e marcadas estilo W.C. Fields – órbitas é uma palavra tão limpa – mas um par perverso de olhos engraçados, também um hipnotizador, eu fico olhando fixamente para ele, continuo a gostar dele – Gosto tanto dele que quando ele pega minha carteira e conta meu dinheiro eu rio, finjo que tento pegá-la de volta, ele para de contar – Outros estão tentando entrar no banheiro – “Isso é o México!” diz ele. “Se a gente quiser, a gente fica aqui” – Quando ele me devolve a carteira vejo que meu dinheiro ainda está lá dentro mas juro pela Bíblia, por Deus, por Buda por qualquer coisa supostamente sagrada, que na vida real não havia mais dinheiro naquele carteira (carteira, scharteira, apenas um pedaço dobrado de couro para guardar cheques de viagem) – Ele me deixa alguma grana porque mais tarde dou vinte pesos a um sujeito grande e gordo e peço a ele para descolar um pouco de maconha para o grupo todo – Ele também insiste em me levar ao banheiro para

confabulações sinceras, de alguma maneira meus óculos escuros desaparecem -

No fim Chapéu Azul na frente de todo mundo simplesmente arranca meu caderno de dentro de meu casaco (de Bull), como se fosse uma piada, com o lápis e tudo, e o guarda em seu próprio paletó e olha para mim, pervertido e divertido - Na verdade não consigo evitar rir, mas então digo "Vamos lá, vamos, me devolva meus poemas" e tento meter a mão em seu paletó e ele se esquivava, e tento outra vez e ele não deixa Viro-me para o homem de aparência mais distinta ali, na verdade, o único, que está sentado ao meu lado, "Você assume a responsabilidade de conseguir meus poemas de volta?"

Ele diz que sim, sem compreender o que estou dizendo, mas eu, bêbado, suponho que ele concorda - Enquanto isso em um deslumbramento cego de êxtase jogo cinquenta pesos no chão para provar algo mais tarde jogo dois pesos no chão dizendo "É pela música" - Eles acabam dando aquilo para os dois músicos mas estou orgulhoso demais em busca de reconsideração para começar a procurar meus cinquenta pesos também, mas você vai ver que este é apenas um caso de querer ser roubado, uma espécie de exultação estranha e de poder de bêbado, "Não ligo para dinheiro, sou o rei do mundo", eu mesmo vou liderar suas revoluçõeszinhas" - Comecei a executar isso fazendo amizade com Pancho Villa, e meu irmão ouve muito bater de copos e vira-vira e abraços, e música - E a essa hora estou idiota demais para conferir minha carteira, mas não sobrou um

centavo Enquanto isso fico muito orgulhoso em demonstrar o quanto aprecio a música, chego a batucar na mesa - No fim saio com o rapaz gordo para conversar no banheiro e quando estamos a caminho surge nos degraus uma mulher estranha, pálida e fantasmagórica, lenta, majestosa, nem jovem nem velha, não consigo evitar olhar para ela e mesmo quando percebo que é Tristessa continuo a olhar admirado para essa mulher estranha e parece que ela chegou para me salvar mas ela só chegou para arranjar uma dose com El Indio (que, por falar nisso, agora, segundo o próprio, tinha ido encontrar Bull a três quilômetros de distância) deixo o bando alegre de ladrões e sigo meu amor.

Ela está usando um vestido comprido sujo e um xale e seu rosto está pálido, com olheiras, aquele nariz fino patricio levemente adunco, os lábios luxuriantes, aqueles olhos tristes - e a música de sua voz, o lamento de sua canção, quando ela fala com os outros em espanhol...

AH, SACRISTI - a triste Madona azul mutilada é Tristessa, e para mim continuar a dizer que a amo é uma maldita mentira - Ela me odeia e eu a odeio, não vamos esconder isso - Eu a odeio porque ela me odeia, não há outra razão - Não sei por que ela me odeia, acho que eu fui piedoso demais no ano passado - Ela continua a gritar "Eu naum me importu!" e bate em nossas cabeças e sai e senta no meio-fio na rua e cantarola e

oscila - Ninguém ousa se aproximar da mulher com a cabeça entre os joelhos - esta noite, porém, percebo que ela está bem, quieta, pálida, andando com firmeza, subindo os degraus de pedra dos ladrões -

El Indio não está, descemos de novo - Já tinha ido duas vezes na casa dele para checar, não está lá, mas sua filha morena com os lindos olhos castanhos tristes olha para dentro da noite quando lhe faço perguntas, “Non, non” é tudo o que ela pode dizer, está olhando fixamente para algum ponto no lixo do céu, então tudo o que faço é encarar seus olhos e nunca vi uma garota assim - Seus olhos parecem dizer “Amo meu pai apesar de ele usar narcóticos, mas por favor não venha mais aqui, deixe-o em paz” -

Tristessa e eu descemos a rua escorregadia e cheia de lixo com luzes foscas e marrons das barracas de coca e o azul e o rosa pálidos dos néons distantes (como lápis de cor meio apagado) de Santa Maria de Redondas, onde nos grudamos na coitada da Cruz, suja e com aparência enlouquecida, e partimos para algum lugar -

Estou com o braço em torno da cintura de Tristessa e ando tristemente com ela - esta noite ela não me odeia - Cruz sempre gostou de mim e ainda gosta - No ano passado ela causou todo tipo de problema para Old Bull com as besteiras que fazia bêbada Oh, teve muito pulque e vômito nas ruas e gemidos sob o Céu, asas de anjo enlameadas cobertas com a sujeira azul pálida do paraíso - Anjos no inferno, nossas asas grandes no

escuro, nós três partimos, e das curvas do Paraíso Eterno Dourado Deus nos abençoa com seu rosto que posso descrever apenas como infinitamente desgostoso (piedoso), ou seja, infinito em sua compreensão do sofrimento, a visão desse rosto faria você chorar – Eu já o vi, em uma visão, ele vai cancelar tudo no final – Sem lágrimas, só os lábios, Oh, eu posso mostrar a você! – nenhuma mulher pode ser tão triste, Deus é como um homem – Não me lembro como subimos a ladeira até uma ruazinha estreita e escura onde duas mulheres estão sentadas com algum tipo de caldeirão fumegante, ou uns samovares, onde nos sentamos em caixotes de madeira, eu com a cabeça no ombro de Tristessa, Cruz aos meus pés, e elas me dão um ponche quente para beber – Olho para minha carteira, não tem mais grana, eu digo a Tristessa, que paga as bebidas, ou negocia, ou comanda todo o espetáculo, talvez seja mesmo a chefe do bando de ladrões –

As bebidas não ajudam muito. Está ficando tarde, quase amanhecendo, o frio do platô elevado penetra em minha pequena camisa sem manga e no blusão esportivo largo e nas calças com pregas e começo a tremer descontroladamente – nada ajuda, uma bebida atrás da outra, nada ajuda –

Dois jovens malandros mexicanos atraídos por Tristessa se aproximam e ficam ali parados bebendo e conversando a noite inteira, os dois têm bigodes, um deles é muito baixo com uma cara redonda de bebê com bochechas parecidas com peras – O outro é mais alto,

com folhas de jornal de alguma forma enfiadas em seu paletó para protege-la do frio – Cruz só se estica, ali mesmo na rua vestida com seu sobretudo e dorme, a cabeça no chão, na pedra – Um policial prende alguém no fim da ruazinha, a gente em volta das pequenas chamas das velas e das panelas fumegantes observamos sem muito interesse – Em certo momento Tristessa me dá um beijo carinhoso nos lábios, o mais suave, simplesmente o mais leve beijo do mundo – Ah, e eu o recebo com surpresa – Resolvi ficar com ela e dormir onde ela dormir, mesmo se ela dormir em uma lata de lixo, em uma cela de pedra cheia de ratos – mas continuo a tremer, por mais que eu me enrole, não adianta, agora faz um ano que eu passo toda noite em meu saco de dormir e não estou mais acostumado com os frios matinais comuns da terra Em certo momento, caio do caixote que ocupo com Tristessa, em cima da calçada, fico ali – outras vezes estou de pé arengando longas conversas misteriosas com os dois malandros – O que na terra eles estão tentando dizer e fazer? – Cruz dorme na rua.

O cabelo dela cai todo negro pela rua, as pessoas pisam nela. – É o fim.

O amanhecer chega cinzento.

AS PESSOAS COMEÇAM a passar a caminho do trabalho, logo a luz pálida começa a revelar as cores incríveis do México, os xales azul-claros das mulheres,

os xales roxo-escuros, os lábios das pessoas levemente rosados em meio ao azul geral do alvorecer -

“O que a gente está esperando? Aonde vamos?” eu insistia em perguntar.

“Vou descolar minha parada”, diz ela - pega outro ponche quente pra mim, que desce tiritando através de mim - Uma das senhoras está dormindo, o comerciante com a concha começa a ficar irritado porque, aparentemente, eu bebi mais do que Tristessa pagou, ou os dois malandros, ou algo assim -

Passam muitos carros e pessoas -

“Vamonos”: diz Tristessa ao se levantar, e acordamos a esfarrapada Cruz e ficamos ali de pé cambaleantes por um minuto, e saímos para as ruas -

Agora dá para ver até o fim das ruas, chega dessa escuridão patética, é tudo igrejas azul-claras e pessoas pálidas e xales cor-de-rosa - Caminhamos e encontramos terrenos cheios de entulho que atravessamos para chegar a um povoado de cabanas de adobe -

É um vilarejo dentro da própria cidade -

Encontramos uma mulher e entramos em um quarto e eu acho que vamos finalmente dormir, mas as duas camas estão cheias de gente dormindo e acordada, ficamos ali de pé conversando, saímos e descemos a ruela, passamos por portas que despertavam Todo mundo curioso para ver duas garotas esfarrapadas e o

homem esfarrapado cambaleando devagar pelo amanhecer como uma equipe – O sol se levanta laranja por sobre pilhas de tijolos vermelhos e poeira em algum lugar, é a América do Norte minúscula de meus Sonhos índios mas agora estou esgotado demais para me dar conta de qualquer coisa, ou entender, tudo o que quero fazer é dormir, junto de Tristessa – Ela em seu vestido rosa barato, seu corpinho sem seios, suas canelas finas, suas coxas bonitas, mas eu estou querendo apenas dormir mas gostaria de segurá-la e parar de tremer embaixo de algum vasto cobertor mexicano marrom, com Cruz também, do outro lado da cama, para tomar conta. Só quero parar com essa perambulação insana pelas ruas –

Sem resultados, no fim do vilarejo, na última casa, além da qual há apenas terrenos vazios cobertos de lixo e torres distantes de igrejas e a cidade exausta, nós entramos –

Que cena! Pulo de alegria ao ver uma cama enorme – “Viemos dormir aqui!”

Mas há uma mulher gorda de cabelo negro na cama, e ao lado dela um sujeito com um gorro de esqui, os dois acordados, e simultaneamente chega uma garota morena parecida com uma artista, uma garota beatnik do Greenwich Village – Então vejo dez, talvez oito outras pessoas todas movendo-se devagar pelos cantos com fósforos e colheres – Uma delas é um viciado típico, aquela delicadeza rude, aqueles traços duros e sofridos

cobertos por uma camada gordurosa de doença, os olhos sem dúvida alertas, a boca alerta, chapéu, terno, relógio, colher, heroína, trabalhando tranquilo em suas picadas – Todo mundo está se aplicando – Tristessa é chamada por um dos homens e ela enrola a manga do seu casaco – Cruz também – O gorro de esqui pulou da cama e está fazendo a mesma coisa – A garota do Greenwich Village deu um jeito para se meter na cama, no pé, enfiou seu corpo grande e sensual embaixo dos lençóis pelo outro lado, e está ali deitada, satisfeita, sobre um travesseiro, observando – As pessoas entram e saem das portas dos vilarejos – Espero também ganhar uma dose e digo para um dos caras “Poquito gote” que eu imagino significar uma dose pequena e que na verdade significa “uma gotinha” – Na verdade, gota, não descolo nada, todo o dinheiro acabou –

A atividade é frenética, interessante, humana. Observo realmente impressionado, chapado do jeito que estou posso ver que esse deve ser o maior antro de viciados da América Latina – Que tipos interessantes! – Tristessa está falando a cem quilômetros por hora O viciado de chapéu com traços rudes e delicados, com um bigodinho ruivo e olhos azul-claros e maçãs do rosto protuberantes, é mexicano mas se parece com qualquer viciado de Nova York – Ele também não me dá uma dose – Fico ali sentado e espero – Aos meus pés tenho uma garrafa de cerveja pela metade que Tristessa me comprou no caminho, que eu tinha escondido na roupa, agora eu a bebo diante de todos aqueles viciados e isso

acaba com minhas chances mantenho um olho atento na cama à espera que a mulher gorda se levante e vá embora, e a garota artista a seus pés, mas só o homem se apressa se veste e sai, e a gente acaba indo embora também -

“Aonde a gente vai?”

Saímos dali e passamos por uma fila de sujeitos que nos olhavam atravessado com seus olhos afiados ah você sabe, o velho corredor polonês, de respeitáveis burgueses mexicanos na manhã, mas ninguém nos para, nenhum policial, saímos cambaleando e descemos uma rua de terra estreita e chegamos a outra porta e entramos em um patiozinho antigo onde há um velho varrendo com uma vassoura e lá dentro se ouve muitas vozes -

Ele me suplica com o olhar, como, “Não crie problema”, eu faço o sinal “Eu, criar problema?” mas ele insiste então hesito na hora de entrar mas Tristessa e Cruz me arrastam para dentro confiantes e olho de volta para o velho que deu sua permissão mas ainda está implorando com os olhos - Meu Deus, ele sabia!

O lugar é uma espécie de bar matutino, Cruz entra para os interiores escuros e barulhentos e sai com uma espécie de anisete fraco em um copo grande e eu o provo - não quero nada em especial - Fico ali de pé apoiado na parede de adobe olhando para a luz amarela - Cruz agora parece completamente louca, com narinas peludas bestiais e doida como em Orozco, as mulheres

gritando em revoluções, mas ainda assim consegue parecer caprichosa, também – Além disso, ela é uma pessoinha muito caprichosa, estou falando de seu coração, a noite inteira ela foi muito legal comigo e gosta de mim – Na verdade, uma hora ela gritou bêbada “Tristessa, você está com ciúmes porque o Yack queria casar comigo!” – mas ela sabe que eu amo a inatingível Tristessa – então ela passou a agir como minha irmã e gostei disso – algumas pessoas têm vibrações que saem direto do coração vibrante do sol, frescas e vivas...

Mas enquanto estamos ali parados Tristessa de repente diz: “Yak” (eu) “a noite toda”- e ela começa a imitar meus tremores na rua de todas as noites, no início eu rio, agora o sol está amarelo e quente sobre meu blusão, mas eu me sinto alarmado ao vê-la imitar meus tremores com tal entrega convulsiva e Cruz também percebe e diz “Para, Tristessa!” mas ela continua, os olhos enlouquecidos e brancos, estremecendo o corpo magro dentro do casaco, as pernas começam a bambear – Estendo os braços, rindo “Ah, vamos lá” – ela treme mais e fica mais convulsiva e, de repente (enquanto penso “Como ela pode me amar e zombar de mim de um jeito sério assim?”), ela começa a cair, a imitação está passando dos limites, tento segurá-la, ela se abaixa até o chão e fica um minuto ali pendida (exatamente como as descrições que Bull fez para mim dos viciados em heroína balançando a cabeça para seus sapatos na Quinta Avenida na Era dos anos 1920, até que suas cabeças ficassem completamente penduradas de seus

pescoços e não havia lugar para ir além de voltar para cima ou cair de cara no chão) e para minha dor e desespero Tristessa desaba, cai de cabeça, bate o crânio com força no chão e apaga sobre a pedra fria e dura.

“Oh, não Tristessa!” grito e a agarro pelos braços, viro-a de frente e a sento em meu colo enquanto me apoio contra a parede – Ela respira com dificuldade e, de repente, vejo sangue por todo o seu casaco –

“Ela está morrendo”, penso, “de repente ela agora resolveu morrer... Nesta manhã insana, neste minuto insano” – E lá está o velho com os olhos suplicantes ainda olhando para mim com sua vassoura e homens e mulheres que chegaram atrás de anisete passando bem por cima da gente (com uma indiferença cautelosa, mas devagar, mal olhando para baixo) – Levo minha cabeça para junto da dela, face contra face, e a abraço com força, e digo “Non non non non” e o que quero dizer é “Não morra” – Cruz está no chão com a gente do outro lado, chorando – Seguro Tristessa por suas costelas delicadas e rezo – O sangue agora escorre de seu nariz e de sua boca –

Ninguém vai nos botar para fora daquela porta – isso eu Juro –

Eu me dou conta de que estou aqui para me recusar a deixa-la morrer –

Pegamos água, em meu lenço vermelho grande, e eu passo um pouco sobre ela – Depois de um período de

tremores convulsivos de repente ela fica extremamente calma e abre os olhos e até olha para cima Ela não vai morrer – Sinto isso, ela não vai morrer, não em meus braços nem agora, mas também sinto “Ela deve saber que eu a impedi e agora ela vai esperar que mostre a ela algo melhor que isso – que o êxtase eterno da morte” – Oh, Eternidade Dourada, e eu sei que a morte é melhor, mas “Non, eu amo você, não morra, não me deixe... Eu amo você demais” – “Eu amo você, isso não é razão suficiente para tentar viver?” Oh, o destino horripilante de nós, seres humanos, cada um de nós, de repente, vai morrer em algum momento terrível e aterrorizar todos os nossos amantes e apodrecer o mundo – e estragar o mundo – e todos os viciados em heroína em todas as cidades amareladas e desertos arenosos não podem se importar – e eles também vão morrer –

Tristessa agora tenta se levantar, eu a seguro por baixo dos bracinhos enfraquecidos, ela se apoia, nós arrumamos seu casaco, pobre casaco, limpamos um pouco do sangue – Saímos – Saímos para a manhã amarelada do México, não mortos – deixo-a caminhar sozinha à nossa frente, nos conduzindo pelo caminho, e ela faz isso por ruas incrivelmente sujas cheias de cachorros mortos, passando por crianças apalermadas, velhas e velhos em farrapos imundos, e saímos em um terreno cheio de pedras que atravessamos aos tropeções – devagar – Eu agora posso senti-la em seu silêncio, “É isto que você quer me dar no lugar da morte?” – Tento saber, então, o que dar a ela – Não há nada melhor que a

morte - Tudo o que consigo fazer é tropeçar atrás dela, às vezes, rapidamente, vou na frente mas não sou muito a figura masculina, O Homem Que Conduz pelo Caminho - Mas sei que agora ela está morrendo, de epilepsia, do coração, choque ou convulsão provocada pelas bolas, e por isso nenhuma senhoria vai impedir que eu a leve para casa para meu quarto no telhado e a deixe dormir e descansar sob meu saco de dormir aberto, com Cruz e eu - Digo isso a ela, arranjamos um táxi e partimos para a casa de Bull- Saltamos quando chegamos, elas esperam no táxi enquanto eu bato à janela dele para pegar dinheiro para o táxi -

“Você não pode trazer a Cruz aqui!” grita ele. “Nenhuma delas!” Ele me dá a grana, eu pago o táxi, as garotas saltam, e surge na porta o rosto grande e sonolento de Bull, dizendo: “Não Não - a cozinha está cheia de mulheres, elas nunca vão deixar vocês passarem!”

“Mas ela está morrendo! Preciso cuidar dela!”

Eu me viro e vejo os dois casacos delas, as costas dos casacos. Elas se viraram de maneira majestosa, mexicana e feminina, com uma dignidade imensa, rajadas de poeira e gesso e todo o resto, juntas, as duas damas seguem devagar pela calçada, do jeito eterno de mulheres mexicanas, como as mulheres franco-canadenses vão para a igreja de manhã - Há algo imutável na maneira como seus dois casacos deram as costas para as mulheres na cozinha, para o rosto preocupado de Bull, para mim - Corro atrás delas

Tristessa olha para mim séria “Vou procurar El Indio pra descolar uma dose” e desse jeito, do jeito que ela normalmente diz isso, como se (Eu acho, sou um mentiroso, cuidado!) como se estivesse falando sério e quisesse mesmo uma dose -

E eu tinha dito a ela “Esta noite quero dormir onde você dorme” mas eu não tinha muita chance de ir para casa de Indio, nem mesmo ela, a mulher dele a odeia - Elas caminham majestosas, eu hesito majestoso, com uma covardia majestosa, temendo as mulheres na cozinha que proibiram a entrada de Tristessa (por quebrar tudo em uma viagem de bola) e proibiram, acima de tudo, de passar por aquela cozinha (o único caminho para meu quarto) para subir aqueles degraus de torre de marfim estreitos em caracol que tremem e balançam -

“Elas nunca vão deixar vocês passarem” grita Bull da porta. “Deixe elas irem embora!”

Uma das senhorias está na calçada, estou bêbado e envergonhado demais para olhá-la nos olhos -

“Mas vou dizer a elas que ela está morrendo!”

“Entra aqui! Entra aqui!” grita Bull. Eu me viro, elas pegam o ônibus na esquina, ela se foi -

Ou ela vai morrer em meus braços ou vão apenas me contar sobre isso -

Que sudário foi a razão para que a escuridão e o paraíso se unam e juntos estendam o manto do pesar sobre os corações de Bull, El Indio e eu, os três que a amam e choramos em nossos pensamentos e sabemos

que ela vai morrer - Três homens de três nações diferentes, na manhã amarelada dos xales negros, qual foi o poder demoníaco angelical que tramou isso? O que vai acontecer? -

A noite um policial mexicano baixinho apita para dizer que tudo está bem e tudo está errado, e tudo é trágico - não sei o que dizer.

Estou apenas esperando vê-la novamente -

E faz menos de um ano que ela estava em pé em meu quarto e disse "Um amigo é melhor do que pesos, um amigo que dá isso para você na cama" quando, de qualquer forma, ela ainda acreditava que conseguiríamos juntar nossos ventres torturados e nos livrar de um pouco de dor - Agora tarde demais, tarde demais -

A noite em meu quarto, com a porta aberta, fico olhando para vê-la entrar, como se ela pudesse passar por aquela cozinha de mulheres - E eu vou procurá-la no mercado dos ladrões do México, eu acho que é isso que terei de fazer -

Mentiroso! Mentiroso! Sou um mentiroso!

E suponha que eu vá procurá-la e ela queira me bater na cabeça outra vez, sei que não é ela, são as bolas - mas para onde eu poderia levá-la, e o que dormir com ela iria resolver - um beijo mais doce dos lábios mais rosados e pálidos que ganhei, na rua, outro daqueles e eu estou perdido -

Meus poemas roubados, meu dinheiro roubado, minha Tristessa morrendo, os ônibus mexicanos tentando me atropelar, o céu granulado, argh, nunca sonhei que pudesse ser tão ruim -

E ela me odeia - Por que ela me odeia?

Porque eu sou esperto demais.

“TÃO CERTO QUANTO você estar sentado aí”, Bull está dizendo desde aquela manhã, “Tristessa vai voltar e bater naquela janela no dia 13 pedindo dinheiro para comprar uma parada” -

Ele quer que ela volte -

El Indio aparece, de chapéu preto, másculo, com seriedade maia, preocupado, “Onde está Tristessa?”, pergunto, ele diz, as mãos levantadas, “Eu não sei”.

O sangue dela está em minhas calças como minha consciência - Mas ela volta mais cedo do que esperávamos, na noite do dia 9 - Bem quando estávamos lá sentados falando sobre ela - Ela bate na janela, mas não faz apenas enfiar a mãozinha marrom louca pelo buraco antigo (onde El Indio há um mês enfiou o punho em uma crise de abstinência), ela agarra as grandes cortinas rosadas que Bull com a experiência de viciado pendura do teto até o peitoril da janela, ela a sacode e balança e as afasta para o lado e olha para dentro como se para ver se não estávamos escondendo doses de

morfina dela - A primeira coisa que ela vê é meu rosto sorridente virado - Eu devo tê-la deixado muito desgostosa - “Bool - Bool !” -

Bool se veste depressa para sair e falar com ela no bar do outro lado da rua, ela não pode entrar na casa.

“Ah, deixa ela entrar.”

“Eu não posso.”

Nós dois saímos, eu primeiro enquanto ele tranca a porta, e dou de cara com meu “grande amor” na calçada sob as luzes mortíferas da noite tudo o que posso fazer na hora é andar de um lado para outro e esperar na fila do tempo - “Como você tá?” - eu digo.

“Tudo bem.”

O lado esquerdo do rosto dela é um grande curativo sujo com sangue negro seco, ela tenta escondê-lo sob o seu xale de cabeça, que segura para cobri-lo “Onde isso aconteceu, foi comigo?”

“Não, depois que eu deixei você, eu caí três vezes” - Ela mostra três dedos - Ela teve três outras convulsões - A bandagem de algodão está pendurada, uma faixa cai quase até seu queixo - Ela pareceria horrível se não fosse a santificada Tristessa -

Bull sai e atravessamos a rua devagar até o bar, corro até ela do outro lado para ser cavalheiro com ela, Oh, que irmã mais velha eu sou - E como Hong Kong, as criadas e mães nos sampans mais pobres do rio em suas calças chinesas remando com o remo de popa veneziana

e sem arroz no prato, mesmo elas, na verdade especialmente elas têm seu orgulho e iriam acabar com uma irmã mais velha como eu e Oh seus lindos corpinhos em seda brilhante e macia, Oh - seus rostos tristes, maçãs do rosto proeminentes, cor, olhos acastanhados, olham para mim na noite, para todos os Johns na noite, é seu último recurso - Oh, eu queria poder escrever! Só um belo poema seria suficiente!

Como Tristessa está frágil, acabada, terminal. Quando entramos com ela no bar silencioso e hostil onde Madame X está sentada contando seus pesos na sala dos fundos, observando tudo, e o ansioso barman baixinho bigodudo corre furtivamente para nos servir, e ofereço uma cadeira para Tristessa que pode esconder de Madame X seu rosto triste e mutilado, mas ela recusa e senta de qualquer jeito - Que trio naquele bar normalmente reservado para oficiais do exército e executivos mexicanos encherem seus bigodes de espuma nas canecas vespertinas! - O alto, ossudo, corcunda e assustador Bull (o que os mexicanos pensam dele?) com seus óculos de coruja e seu andar lento, trêmulo mas firme e eu o gringo idiota de calças largas de cabelo penteado e sangue e tinta nos jeans, e ela, Tristessa, enrolada em um xale roxo, magricela - pobre - como uma vendedora ambulante de bilhetes de loteria, como uma sina no México -

Peço um copo de cerveja para manter as aparências, Bull aceita um café, o garçom está nervoso -

Oh, dor de cabeça, mas ela está ali sentada ao meu lado, eu me embebedo com sua presença - Às vezes ela dirige aqueles olhos púrpuros para mim - Está passando mal e quer uma dose, Bull não tem - Mas agora ela vai descolar três gramas no mercado negro - Mostro a ela os quadros que andei pintando, de Bull em sua poltrona em pijamas púrpuros de ópio celestial, meu e de minha primeira esposa ("Mi primera esposa", ela não faz qualquer comentário, os olhos passam rápido pelos dois quadros) - Finalmente quando mostro a ela minha pintura "vela queimando à noite" ela nem mesmo olha - Eles estão falando sobre droga - O tempo todo eu tenho vontade de tomá-la nos braços e abraçá-la, apertar aquele corpinho frágil inatingível e ausente -

O xale cai um pouco e o curativo dela é visto no bar - Está péssima - Não sei o que fazer - Começo a ficar com raiva -

Finalmente ela fala sobre o marido de sua amiga que a expulsou de casa aquele dia chamando a polícia (ele também é policial), "Ele chamou os tiras porque eu não dei a ele meu corpo" ela se apressa em dizer -

Ah, então ela acha que seu corpo é um prêmio que deve valorizar, pro inferno com ela - Meu sentimento muda e fico remoendo - Olho para os olhos frios dela -

Enquanto isso, Bull a está aconselhando sobre tranquilizantes e eu lembro a ela que seu antigo ex-amante (agora um viciado morto) tinha me dito para nunca encostar neles - de repente olho para a parede e

vejo as fotos das belas mulheres do calendário (que Al Damlette tinha em seu quarto em Frisco, uma para cada mês, quando bebíamos vinho Tokay, costumávamos reverenciá-las), chamo a atenção de Tristessa para elas, ela olha para outro lado, o *bartender* percebe, eu me sinto como um animal -

E TODAS AS ensalsichas e papas fritas do ano anterior - Ah, Das Alturas, o que está fazendo com suas crianças? - Você com seu rosto triste, compassivo e cuja beleza eu jamais negaria, o que está fazendo com seus filhos roubados que você roubou de sua mente para pensar um pensamento porque estava entediado ou estava Atento - não devia ter feito isso, Senhor, o Despertar, não devia ter jogado o jogo de sofrer e morrer com as crianças em sua própria mente, não devia ter dormido, devia ter assobiado para a música e dançado, sozinho, em uma nuvem, berrando para as estrelas que você fez, Deus, mas nunca devia ter tramado e terminado os elegantes e transtornados pequenos sofreadores de Toonerville como nós, as crianças - Pobre Bull choroso - criança, quando está doente, e eu também choro, e Tristessa que nem sequer se permite chorar...

OH, O QUE era o negócio que apertava e esmagava com um poder colérico, para fazer este mundo de poças de óleo? -

Porque Tristessa precisa de minha ajuda mas não vai aceitá-la e eu não vou dar – mas, supondo que todos no mundo se dedicassem a ajudar os outros o dia inteiro, por causa de um sonho ou de uma visão de liberdade de eternidade, o mundo não seria então um jardim? Um Jardim de Ardenas, cheio de amantes e gente estúpida e desajeitada nas nuvens, jovens bebedores sonhando e se gabando nas nuvens, deuses – Os deuses ainda estão lutando? Devotem-se a deuses-que-não-lutam e bang! A Senhorita Tranquilizante iria entreabrir seus lábios rosados e beijar no mundo o dia inteiro, e homens iriam dormir – E não haveria homens ou mulheres, apenas um sexo, o sexo original da mente – Mas esse dia está tão próximo que eu podia estalar o dedo e ele iria aparecer, o que isso importa?... Sobre esse pequeno evento recente chamado o mundo.

“Eu amo Tristessa”, contudo tenho o descaramento de ficar e falar, para os dois, “Eu teria dito às senhorias que amo Tristessa – Posso dizer que ela está doente – Que precisa de ajuda – esta noite ela pode vir dormir em meu quarto” –

Bull está assustado, fica de boca aberta – Oh, a velha gaiola, ele a ama! – Você devia vê-la arrumando o quarto, limpando enquanto ele senta e corta sua droga com uma lâmina de barbear, ou só fica sentado dizendo “M-m-m-m-m-m-m-m” em longos gemidos baixos que não são gemidos mas sua música e mensagem, agora

começo a me dar conta que Tristessa quer que Bull seja seu marido -

“Eu queria que Tristessa fosse minha terceira esposa”, digo mais tarde

- “Não vim ao México para que irmãs mais velhas me dissessem o que fazer? Bem em frente dos professores, se aplicando? - escutem, Bull e Tristessa, se Tristessa não liga, então eu não ligo -” Nesse ponto ela me olha, com olhos-que-não-estão-nem-aí redondos surpresos não-surpresos

- “Me dá uma dose de morfina para eu conseguir pensar como vocês.”

Eles logo me dão, mais tarde no quarto, enquanto eu estava outra vez bebendo mescal - “Tudo ou absolutamente nada”, digo para Bull, que o repete -

“Não sou uma puta”, acrescento - E também quero dizer “Tristessa não é uma puta” mas não quero levantar o assunto - Enquanto isso ela muda completamente com seu pico, se sente melhor, penteia o cabelo em um belo negro lustroso, lava o sangue, lava todo o rosto e pega uma bacia cheia de espuma como o velho Jim Beaver lá em Cascades perto da fogueira de seu acampamento - Rápida - E ela esfrega o sabão com cuidado nas orelhas e enfia ali as pontas dos dedos e faz ruídos estranhos, uau, ao se lavar, Charley não estava com barba ontem à noite Ela cobre outra vez a cabeça com o xale agora limpo e se vira para nos apresentar, na luz da lâmpada no teto alto do quarto, uma charmosa beleza espanhola

com uma pequena cicatriz no rosto - A cor de seu rosto é realmente bronzeada (ela diz que é escura, "Tão Negra quanto eu?") mas ao brilho da luz seu rosto muda, às vezes é marrom-escuro quase negro-azulado (lindo) com contornos de uma face reluzente e uma boca triste rasgada e o calombo em seu nariz que parece os das mulheres índias de manhã em Nogales no alto de um morro seco, as mulheres dos vários violões - O toque castelhano, apesar de poder ser apenas tão castelhano quanto antigos zacatecas convenientes - Ela se vira, elegante, e percebo que ela não tem corpo algum, está completamente perdida em um vestidinho barato, então eu me dou conta que ela nunca come, "seu corpo"(acho) "deve ser lindo" "uma coisinha linda" -

Mas então Bull explica: "Ela não quer amor Você bota a Grace Kelly de um lado e a maldita morfina no outro, e eu fico com a morfina, não fico com a Grace Kelly."

"É", confirma Tristessa, "e eu, eu não quero nenhum amor."

Eu não digo nada sobre o amor, da mesma forma que não começo a cantar "Love is a completely endless thing, it's the April row when feelers reach for everything" e não canto "Embraceable You" como Frank Sinatra naquele "Towering Feeling" em que Vic Diamone diz "the touch of your hand upon my brow, the look in your eyes I see", uau, não, não discordo ou concordo com esse par de ladrões de amor, deixe que eles se casem e se acabem - entrem embaixo dos lençóis - vão passear de barco em Roma - Gallo - qualquer

lugar - eu, eu não vou casar com Tristessa, Bull vai - Ela arruma as coisas em torno dele sem parar, quando estou chapado deitado na cama, é estranho como ela se aproxima e limpa a cabeceira com as coxas praticamente em meu rosto e eu as estudo e Old Bull está observando tudo do alto de seus óculos tortos - Min e Bill e Mamie e Ike e Maroney Maroney Izzy e Bizzi e Dizzy e Bessy cheguem junto Martarky e Bee, Oh Deus, seus nomes, seus nomes, quero seus nomes, Amie e Bill, não Amos e Andy, (meu pai os amava) abram a bagunça e o mofo no armário (esse alerta freudiano da mente) (SLIP SLOP) (SLAP) esse cara velho que está sempre - Molly! - Fiber M'Gee seja Jesus e Molly - Bull e Tristessa. Sentados ali na casa a noite inteira, gemendo sobre suas lâminas de barbear e droga branca e pedaços de espelho quebrado para bater (a parada afiada como diamante que corta vidro) - Noites sossegadas em casa - Clark Gable e Mona Lisa -

Mas - "Ei, Tristessa, eu moro com você e Bull paga" digo finalmente - "Não me importa", diz ela, virando-se na banqueta para mim - "Está tudo certo comigo."

"Você não paga pelo menos metade do aluguel dela?" pergunta Bull, anotando em seu caderno números que ele registra o tempo todo. "Você diz sim ou não."

"Você pode vê-la quando quiser", acrescenta ele. "Não, eu queria morar com ela."

"Bem, você não pode fazer isso - você não tem a grana."

Mas Tristessa continua olhando para mim e eu continuo a encará-la, de repente, nós nos amamos enquanto Bull continua falando, e eu a admiro abertamente e ela brilha abertamente – mais cedo, eu a teria agarrado quando ela disse “Você lembra de tudo da outra noite?” – “Lembro” – “na rua, como você me beijou” – E eu mostro como ela tinha me beijado.

Aquele roçar suave dos lábios nos lábios, apenas com o mais leve dos beijos, para indicar beijo – Ela foi brilhante naquele – Ela não se importava –

Ela não tinha dinheiro para pegar o táxi para casa, não tinha mais ônibus circulando, nenhum de nós tinha mais dinheiro (exceto por dinheiro no banco de sangue) (dinheiro nos bancos de lama, Charley) – “E, vou andando pra casa”.

“Cinco, quatro quilômetros”, digo, e houve aquela longa caminhada pela chuva que eu me lembro “Você pode subir aqui”, apontando para meu quarto no telhado, “Não vou incomodar você, no te molesta”.

“No te molesta”, mas eu deixaria que ela me molestasse – Old Bull observa por cima dos óculos e do jornal, eu já estraguei tudo com a mama outra vez, Édipo Rei, vou arrancar meus olhos pela manhã – San Francisco, Nova York, Padici, Medu, Mantua ou qualquer lugar, sempre sou o Rei dos babacas que foi criado para ser o filho dependente nos relacionamentos de homem e mulher, Ahh-yaaaa – (uivo Índio na noite, para a doce música do campo-country) – “King, bing,

estou sempre pronto para mamãe e papai – quando eu vou ser papai?”

“NO TE MOLESTA”, e também, para Bull, meu pai, eu disse: “Eu tinha que ser um viciado para viver com Tristessa e não posso ser um viciado”.

“Ninguém conhece um viciado como outro viciado.”

Engulo em seco ao ouvir a verdade, também –

“Além disso, Tristessa também é uma viciada de longa data, como eu, ela não amarela – com droga. Viciados são pessoas muito estranhas.”

Então ele começaria uma história comprida sobre as pessoas estranhas que ele conheceu, em Riker’s Island, em Lexington, em Nova York, no Panamá – na Cidade do México, em Annapolis – Segue com sua história estranha, que incluía sonhos de ópio de estranhas plataformas enfileiradas onde as garotas são alimentadas com ópio por meio de tubos azuis de sonho, e episódios estranhos parecidos como todas as gafes inocentes que ele cometera, apesar de fazê-lo sempre com uma cobiça perversa pouco antes de acontecer, ele tinha vomitado em Annapolis depois de um porre, no chuveiro, e para esconder isso de seus superiores ele tentou lavar tudo com água quente, e acabou empestecendo “todo o Bradley Hall” com o fedor e em um jornalzinho da marinha saiu um poema bonito escrito sobre isso – Ele ia começar histórias compridas mas ela estava ali e com ela ele só conseguia conduzir

conversas de rotina de viciado em espanhol de bebê como, “Você no vay manhana bonita asi”.

“Sim, limpe meu rosto agora.”

“Não está com uma cara boa - Basta uma olhada e eles vão saber que você anda tomando secanol demais.”

“Está bem, eu vou.”

“Eu limpo seu casaco -” Bull se levanta e ajuda a limpar as coisas dela.

Para mim, ele diz, “Esses artistas e escritores, eles não gostam de trabalhar - Não acreditam em trabalho” (como no ano passado, quando Tristessa e Cruz e eu conversávamos alegremente, com a alegria que eu tinha no ano passado, no quarto, ele está martelando com uma estátua de pedra maia mais ou menos do tamanho de um punho grande, tentando consertar a porta que tinha quebrado na noite anterior, quando tomou tranquilizantes demais e saiu do quarto e fechou o cadeado, a chave dentro do quarto e ele de pijamas à uma da manhã) - uau, eu faço fofoca - (Então ele gritou para mim “Venha me ajudar a consertar essa porta, não consigo fazer isso sozinho” - “Ah, consegue sim, eu estou conversando” - “Vocês artistas são todos uns vagabundos preguiçosos”)

Agora para provar que não sou assim eu me levanto devagar, tonto por causa do pico de sua parada do amor, e pego um pouco de água no jarro de metal para esquentar na lâmpada virada pra cima para que Tristessa tenha água quente para lavar seu machucado -

mas eu entrego o jarro a ele porque não consigo equilibrá-lo nos arames frágeis e de qualquer jeito ele é o velho mestre Velho Mago Velha Agua Curandeiro que pode fazer isso e não vai me deixar tentar - Então volto para a cama, prostrado - a algum lugar, em suas entranhas - Algumas pessoas são só entranhas, sem coração - Eu fico com o coração - Você enfia espadas no corpo - Você bebe - Você estoura laranjas - Eu fico com o coração e viajo - Dois - Três - Dez trilhões de milhões de poeira de estrelas atordoantes ferminfectando no Jack Shaft doido e melancólico - Estancar - Não afogo amigos em óleo - Não tenho estômago, entranhas para fazer isso - Também não tenho coração - mas o sexo, quando a morfina está solta em sua carne, e se espalha devagar, quente, e controla seu cérebro, o sexo recua para as entranhas, a maioria dos viciados é magra, Bull e Tristessa, os dois são sacos de ossos.

Mas Oh, a graça de certos ossos, que fecundam uma carne que aguarda, como Tristessa, e fazem uma mulher - Um Old Bull, apesar de seu corpo de ave de rapina magro, não corpo, seu cabelo grisalho e bem penteado e sua face jovial e às vezes ele parece realmente bonito, e na verdade uma noite Tristessa finalmente resolveu transar com ele; ele estava lá e eles fizeram gostoso - Eu também queria um pouco daquilo, vendo como Bull não se dedicava à questão exceto uma vez a cada vinte anos mais ou menos -

Mas não, é suficiente, não quero escutar mais, Min e Molly e Bill e Gregory Pegory Mentiroso McGouy, oh, eu

os deixaria em paz e seguiria meu caminho - “Encontre-me uma Mimi em Paris, uma Nicole, uma doce Tathagatha Pura Preciosa Piti” Como poemas declamados por velhos italianos na América do Sul de lama, planícies e palmeiras, que querem voltar para Palabbrio, reggi, e passeiam pelo bulevar lindo e retumbante de garotas, passearem e beber um aperitif com os caras de café da rua torturada - Oh, filme - Um filme dirigido por Deus, que nos mostra ele - ele - e nós o mostrando - ele que é nós pois como pode haver dois? Domingo de ramos para mim, Bispo San José...

Vou acender velas para a Madona, vou pintar a Madona, e comer sorvete, anfetamina e pão - “Maconha com carne de porco”, como disse Bhikku Booboo - Vou para o sul da Sicília no inverno e pintar lembranças de Arles - Vou comprar um piano e me mozartear - vou escrever histórias tristes e compridas sobre pessoas na lenda de minha vida - Este é meu papel no filme, vamos ouvir o seu.

Notas:

1. Em espanhol no original. (N. T.)
2. Como eram chamados os jovens imigrantes mexicanos nos Estados Unidos nos anos 1950, com penteados e roupas extravagantes. (N. T.)
3. *Redlegs* eram guerrilheiros do sul durante a Guerra Civil Americana, principalmente do estado do Missouri. (N. T.)
4. O autor de refere ao escritor [William S. Burroughs](#), outro representante da geração beat. (N.E.)

.

Créditos

Tradução: Edmundo Barreiros

Arquivo pdf original: Digital Source

Revisão e formatação do epub: [RuriaK](#)



Jerusalém, novembro de 2013

.